

Jane Mazzarino

# **Ecosofia NAT**

**design para comunicação ambiental**



# **Ecosofia NAT**

## **design para comunicação ambiental**

**Jane Mazzarino**



Jane Mazzarino

**Ecosofia NAT**  
**design para comunicação ambiental**

1ª Edição

QUIPÁ EDITORA  
2021

Copyright © Jane Márcia Mazzarino

Todos os direitos reservados

**REVISÃO:** Jean Michel Valandro.

**CONSELHO EDITORIAL:**

*Editor-chefe: Me. Adriano Monteiro de Oliveira, Quipá Editora*

*Dra. Anny Kariny Feitosa, Instituto Federal do Ceará (IFCE) / Dra. Maria Eneida Feitosa, Universidade Regional do Cariri (URCA) / Dra. Mônica Maria Siqueira Damasceno, Instituto Federal do Ceará (IFCE) / Me. Sérgio Ricardo Quiroga, Instituto Cultural Argentino de Educación Superior (ICAES), Argentina / Dr. Thiago Barbosa Soares, Universidade Federal do Tocantis (UFT).*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

M477e Mazzarino, Jane Márcia  
Ecosofia NAT : design para comunicação ambiental / Jane Márcia Mazzarino. — Iguatu, CE : Quipá Editora, 2021.

63 p. : il.

ISBN 978-65-89091-68-4

DOI 10.36599/qped-ed1.056

1. Comunicação ambiental. I. Título.

CDD 302.2

---

Elaborada por Rosana de Vasconcelos Sousa — CRB-3/1409

Esta obra foi publicada pela Quipá Editora em junho de 2021. O conteúdo, bem como seus dados, forma, correção e confiabilidade são de exclusiva responsabilidade da autora. Devem ser atribuídos os devidos créditos autorais.

Quipá Editora  
www.quipaeditora.com.br  
@quipaeditora

# SUMÁRIO



<b>I – Escorrer</b>	<b>05</b>
<b>II – Transbordar</b>	<b>13</b>
<b>III – Observar</b>	<b>18</b>
<b>IV – Não seríamos todos juntos?</b>	<b>22</b>
<b>V – Corpografar</b>	<b>27</b>
<b>VI – Natureza, Arte e Tecnologia: design da ecosofia NAT</b>	<b>31</b>
<b>VII – Acoplamentos metodológicos</b>	<b>48</b>
<b>VIII – Ecosofia NAT</b>	<b>54</b>
<b>Referências</b>	<b>56</b>
<b>Sobre a autora</b>	<b>62</b>



1 - Escorrer



## I Escorrer

Um pesquisador está sempre recomeçando, reencontrando-se com as mesmas inúmeras possibilidades. Se todos os caminhos levam ao mesmo lugar jamais saberemos. Mas talvez uma pista seja que o mesmo lugar, ao qual muitos caminhos levem, seja o recomeçar mais adiante, com as mesmas ou outras inúmeras possibilidades. Ou seja, sempre se retorna a um reencontro com a incerteza. Escrevo isso porque, ao reler a introdução da minha dissertação de mestrado, deparei-me com atravessamentos ainda presentes:

Sinta-se em um lugar de onde só pode sair escolhendo um caminho. A sua frente, atrás de você, por cima e por baixo, por todos os lados e direções, há espaços convidando-o para que você lhes dê sentido, para que você teça, e construa seu próprio artesanato de andanças. Um *patchwork*, uma cestaria, um tecido. Depois de escolhido, é possível abandonar o caminho e embrenhar-se por outros, isto é sabido, mas agora é o momento da angústia necessária, da escolha da direção a ser dada ao passo primordial que não sabemos onde vai dar. Como escolher quando os caminhos são múltiplos, as escolhas necessárias, e tudo lhe interessa? Talvez para isto tenham sido feitas as regras, para facilitar escolhas. Não faço muito gosto de regras, mas tenho que fazer reverência a elas por terem servido para definir trajetórias, encurtar distâncias para adequar-me ao tempo, sempre ao encaicho. Para atender a estas limitações, portanto, foi necessário partir. E para dar

início a um caminho necessário de ser percorrido, comecei refletindo sobre um lugar de onde partir. Que lugar é este no qual me encontro, e do qual farei um início para poder me perder por lugares outros, desconhecidos, e fazer daí outros encontros. Pegando e largando mapas, escritos de outros autores, segui um passo após o outro, todos seguindo o primeiro parágrafo. Lá vamos nós, porque é preciso andar! (Mazzarino, 2009, 8)

Encontro-me em outros emaranhados, com o pensamento mais maduro, talvez mais político também, tentando reaver, em um movimento espiral, a poética para pensar a comunicação ambiental para além das teorias hegemônicas. Novamente, o que me move é a busca por devires, como na dissertação: uma pesquisa do entre, de *intermezzos*.

Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, núpcias entre dois reinos. As núpcias são sempre contra a natureza. As núpcias são o contrário de um casal [...]. Uma entrevista poderia ser simplesmente o traçado de um devir. A vespa e a orquídea são o exemplo. A orquídea parece formar uma imagem da vespa, mas, na verdade, há um devir-vespa da orquídea, um devir-orquídea da vespa, uma dupla captura, pois 'o que' cada um se torna não muda menos do que 'aquele' que se torna. A vespa torna-se parte do aparelho reprodutor da orquídea, ao mesmo tempo em que a orquídea torna-se órgão sexual para a vespa. Um único e mesmo devir, um único bloco de devir [....]". (Deleuze e Parnet, 1998, 10).

[...] não é um termo que se torna outro, mas cada um encontra o outro, um único devir que não é comum aos dois, já que eles não têm nada a ver um com o outro, mas que está entre os dois, que tem sua própria direção, um bloco de devir, uma evolução a-paralela. É isso a dupla captura, a vespa E a



orquídea: sequer algo que estaria em um, ou alguma coisa que estaria no outro, ainda que houvesse uma troca, uma mistura, mas alguma coisa que está entre os dois, fora dos dois, e que corre em outra direção. Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo um duplo-roubo, e é isso que faz, não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre ‘fora’ e ‘entre’. Seria isso, pois, uma conversa. (Deleuze e Parnet, 1998, 14-15).

Achar enquanto dupla captura. O que proponho é esta preparação entre fios para tecer entre devires comunicacionais e ambientais, que surgem de mim e de cada um, do outro e da natureza. Todos em relação consigo e com os demais. Como escrevi mais tarde, na introdução da tese, o caminho está dado por fios que se organizam em urdidura, trama, tecelagens.

Quando nos propomos tecer procuramos fios com nuances de cores nunca antes combinadas: tons de cru, carne, terrosos, areia, azuis, verdes, pretos, brancos. Podemos misturar fios de texturas variadas, também: mais rústicos, refinados, crespos, lisos, macios. De espessuras diferentes: grossos, finos, intermediários. Enfim, juntamos variados fios, de origens diversas, e, com nosso modo de fazer, escolhemos aqueles que funcionam melhor na urdidura – fios fixos sobre os quais vamos tramando – e aqueles com os quais vamos tramar. O processo de tecelagem que ofertamos com nossa pesquisa se inicia com a escolha dos fios e finaliza quando tiramos do tear o tecido, um padrão criado a partir das escolhas que vamos fazendo sobre o que temos (Mazzarino, 2013, 12)

Nesse sentido, essa proposta honra parte da minha genealogia, quando fui abandonando algumas perspectivas e objetos de estudo que foram adotados ao

longo da trajetória. Nos fluxos que me tomaram, fui criando outros designs de pesquisa, certamente decorrentes dos que os precederam, mas outros, não mais os mesmos. Busco, assim, contribuir epistemologicamente e, portanto, teórica e metodologicamente, para a área emergente da comunicação ambiental.

Essas possibilidades como pontos de partida para o que não sabemos onde vai dar me fazem intuir que a perspectiva transmetodológica proposta por Maldonado possa ser um rizoma à vista quando se pensam trajetos em comunicação ambiental. Ao abordar a problemática epistemológica em comunicação, o autor formula uma proposta transmetodológica, pois para ele os *objetos e problemas da área da comunicação* têm complexidades que demandam abordagens em que a colaboração entre várias disciplinas já não é suficiente, requerendo-se

[...] estruturas que desmontem e reformulem os saberes originais em novas configurações, transformando as redes conceptuais e as lógicas de origem. A superposição de saberes sociológicos, lingüísticos, filosóficos, antropológicos, psicológicos, históricos, semióticos, econômicos e políticos não têm conseguido avanços gnosiológicos comunicacionais fortes, que fundamentem substancialmente o nosso campo de conhecimento (Maldonado, 2002, on-line).

Para o autor, também a separação artificial entre a dimensão metodológica e a dimensão teórica gera “*superficialismos* retóricos ou empiristas”, já que são aspectos indissociáveis que têm autonomia relativa. “Os percursos, as perspectivas, as estruturas são plurais e expressam uma relação com as múltiplas determinações e facetas dos objetos do conhecimento. As problemáticas comunicacionais são singularmente demonstrativas dessa característica [...]”, portanto, requerem “lógicas heterodoxas” (Maldonado, 2002, on-line).

O Método constrói caminhos, definindo planos, sistematizações, operacionalizações, testes, explorações, observações, experimentações, estratégias e táticas que, no caso da ciência, tem por objetivo produzir conhecimento sobre

fenômenos e processos do cosmos. Nós, situados no campo das ciências da comunicação, procuramos sistematizar conhecimentos pertinentes à nossa área – apesar da existência simultânea de pretensões totalitárias e redutoras –, considerando a diversidade e complexidade de dimensões, a abundância de contextos e a multiplicidade de aspectos que os processos e fenômenos comunicacionais têm. Os procedimentos de focalização e delimitação (dialéticos/flexíveis/abrangentes/heurísticos/heterodoxos/analíticos e hermenêuticos) demandam uma definição *transmetodológica* que se relacione com a dimensão *transteórica* de forma aprofundada, audaciosa, inventiva, rigorosa e humilde. A passagem do *transdisciplinar* como enunciado formal ou retórico para uma concepção de pesquisa crítica transformadora cobra um esforço singular de fundamentação teórica e experimentação metodológica, buscando potencializar a construção de pensamentos e estratégias além do disciplinar (*trans*), juntando lógicas e redes conceituais em arranjos formuladores de orientações suscitadoras para a *práxis* de pesquisa em comunicação (Maldonado, 2002, on-line).

Em busca de uma *práxis* inventiva em comunicação ambiental, tendo em conta o balanço das redes conceituais, proponho aproximações entre a comunicação e a educação ambiental como exercício científico, tanto poético quanto político.

A dimensão sensitiva e emotiva de nossos afazeres de pesquisa tem um papel crucial na construção dos objetos de conhecimento, sem paixão o pouco que aflora resulta enfadonho e repetitivo. Pensar frutífera e sistematicamente leva a significativos investimentos de caráter espiritual, eles provocam agudos processos eletroquímicos que podem levar a situações entrópicas: estresse, depressão, euforia,

obsessões, fobias, etc. manifestando a intensidade dos choques psíquicos nas experiências de busca e construção de saberes. O sensitivo/emotivo não pode ser ignorado na prática da pesquisa; trabalhado inteligentemente, e com carinho, gera energias importantes para a produção de pensamentos; ignorado ou subestimado provoca danos expressivos ao trabalho de investigação (Maldonado, 2002, on-line).

Pensar devires, tecelagens e encontros em uma perspectiva transmetodológica na área da comunicação, considerando a especificidade que assume quando o ambiental a atravessa, constitui-se um desafio ainda a ser encarado, neste campo de saber, por meio de interstícios como aquele entre a vespa e a orquídea.

Para que a ecosofia contamine e afete os processos de comunicação ambiental é necessário exercitar mobilidades, “feituuras de espaço”, demarcando novas fronteiras e intersecções, tanto entre áreas da comunicação e a ambiental, quanto com os espaços naturais, com os outros e consigo.

Se, como diz Certeau (1996), “caminhar é a falta de um lugar”, uma prática de espaço, o percurso pode ser tanto a busca pelo preenchimento de um sentido que falta como a busca pelo despreendimento do que já não tem espaço em si. A vontade é de moldar espaços, tecer lugares, como propõe Certeau, apropriar-se, relacionar, percorrer trajetos não intuídos para, na interação consigo, com o outro e com o outro-natureza ou o outro-conhecimento, simplesmente, sentir a potência de coexistir. Buscar, na área da comunicação, por novas degustações e outros contatos primordiais, pode fazer surgirem experiências rizomáticas:

[...] diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa conduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria três, quatro, cinco etc.[...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões,



ou antes de direções movediças [...] o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza” (Deleuze e Guattari, 1995, 32).

Rizomas comportam linhas de territorialização, desterritorialização e também de reterritorialização, que se remetem às outras numa reconstituição fractal infinita. O rizoma conecta pontos quaisquer, não necessariamente da mesma natureza, jogando com naturezas muito diferentes e, também, não-naturezas, que se modificam continuamente. Rizomas formam platôs, pontos de vista para pensarmos tanto a epistemologia da comunicação ambiental como a nossa experiência com a natureza.



II - Transbordar



## II

### Transbordar

Devires poéticos entre humanos e não humanos são como grãos sendo carregados pelo curso da água: “A chuva deve ter transportado os grãos para longe. Siga as valas que a água escavou, e assim conhecerá a direção do escoamento” (Castañeda, *in* Deleuze e Guattari, 1995, 20 e 21). Enquanto os grãos são carregados pelas águas as ervas podem crescer: “[...] é sempre a erva quem diz a última palavra [...] a erva existe exclusivamente entre os grandes espaços não cultivados. Ela preenche os vazios. Ela cresce entre, e no meio das outras coisas. A flor é bela, o repolho útil, a papoula enlouquece. Mas a erva é o transbordamento, ela é a lição de moral” (Henri Müller, *in* Deleuze e Guattari, 1995, 29 e 30).

Esta proposta para pensar a comunicação ambiental decorre desse movimento de ser água a escorrer pelas valas que outros autores escavaram para pensar desterritorializações e reterritorializações na comunicação. Aventuro-me na direção do pensar o ambiental para preencher vazios e também desocupar espaços. Quero capturar do mundo o que me chega: outros saberes, novas formas, tramas movediças em busca do saber e do reencontro com já sabidos. Como a erva daninha, invadir espaços intermediários - “*intermezzo*” - fazer rizoma com outras naturezas, metamorfoseando a própria natureza, o campo da comunicação e o campo ambiental. Transbordando-os.

Para transbordar é preciso identificar as bordas do espaço-tempo de um saber. No caso do campo ambiental, temporalmente, ele tem suas origens no Romantismo do século XIX, mas é na década de 70, do século XX, a partir da ação histórica dos movimentos ambientais, que ele se estrutura mais fortemente. Hoje, vive-se o encontro entre conhecimentos científicos e tradicionais, com isso, “uma nova imagem da natureza desenha-se diante dos nossos olhos. Uma imagem presidida por comportamentos complexos, de resto já intuídos pelos povos arcaicos, pelo taoísmo e pelos físicos helênicos” (Soffiati, 2002, 41).

Para Carvalho (2005), o *ethos* romântico do século XIX e o sentimento anticapitalista e de celebração da natureza constituem-se como partes da matriz histórico-cultural que influencia a tradição ambiental, e vai se atualizar com o movimento da contracultura, na década de 60, do século XX. O ideário contracultural busca a articulação entre a natureza interna (subjetiva) e a externa (objetiva), entre o pessoal e o coletivo, aspectos vastamente trabalhados por Giddens (2002), assim como por Melucci, o qual assume uma perspectiva planetária.

É o planeta externo que preocupa, nos medos, nos apelos e nos projetos da onda ecológica. Contudo, um outro planeta está envolvido nos processos de radical transformação a que estamos assistindo: aquele interno, que tem por objeto a estrutura biológica, emocional e cognitiva que está na base da experiência e das relações de cada um de nós [...]. Ocupar-nos do planeta interno significa não tanto ampliar a agenda, já cheia, de problemas urgentes, quanto aceitar a necessidade de ter um novo ponto de vista (Melucci, 1992, 55).

Olhar o campo ambiental em sua multidimensionalidade e como um fractal formado por uma diversidade de matrizes culturais que estas dimensões movimentam requer “estratégias heterodoxas de investigação”, como indica Leff (2011), o que implica em rompimentos com racionalidades lineares, processos homogêneos e reprodutivistas que se alojaram nos métodos das áreas

comunicacional e ambiental. Portanto, adota-se uma estratégia teórico-metodológica que requer misturas dos saberes em suas multidimensionalidades.

Pensar sobre devires e tecelagens que atravessam o comunicacional e o ambiental encaminha para a compreensão da comunicação ambiental como aquela que incorpora as tecnologias de mídia, mas não lhes dá, necessariamente, centralidade. Pensa-as como estratégias para possibilitar a criação de dimensões libertadoras da experiência, por meio de processos comunicacionais que incluem o nível intrapessoal e a interação com o mundo, além das relações interpessoais, como diz Rodrigues (1994). Assim, essa é uma perspectiva que converge com a proposta ecosófica de Guattari (1991) e com a percepção de Rodrigo Alsina (2009) e Mattelart (1999), quando afirmam que o discurso científico das teorias da comunicação refletem as formas de pensar o espírito de uma época. Certamente muita coisa mudou neste início do século XXI, o que requer pensar em possibilidades teóricas e metodológicas em comunicação ambiental que valorizem a experiência e o corpo, como já propunha Rodrigues no fim do século XX.

Em relação às diferentes dimensões da experiência, o objetivo dos estudos da comunicação consiste na adequação do olhar para que, através e para além das manifestações destes diferentes mundos, possamos compreender, tanto os processos de gestação e de enquadramento da experiência humana, como a maneira como se relacionam entre si o indizível e o dizível, os dispositivos instintivos e o sentido, a violência e o social, o virtual e o actual, o arbitrário e o obrigatório [...] O objetivo dos estudos de comunicação consiste na averiguação da especificidade da comunicação entre estes mundos que se ignoram e que, no entanto, de certa maneira à distância, estão em constante relação e se acenam em permanência, tanto nas relações com o mundo natural, como nas relações intra-subjetivas e inter-subjetivas e nas relações sociais (Rodrigues, 1994, 101).

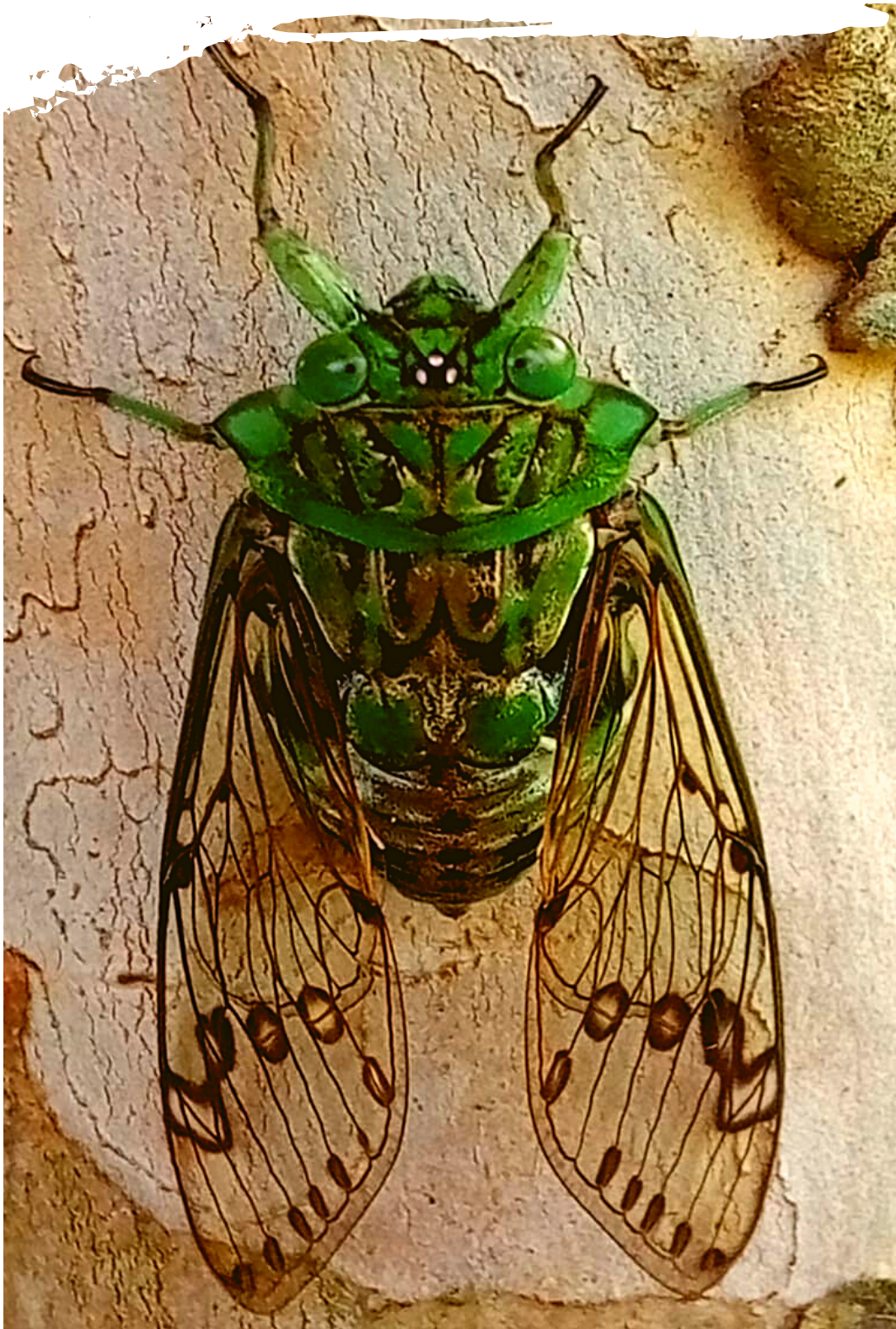
O autor nos dá pistas para pensar a comunicação para além dos processos mediados pelas tecnologias. Quando ele fala da “comunicação entre estes mundos



que se ignoram”, abre brechas para pensarmos o outro de forma ampla: tanto em relações com o mundo natural, quanto intrassubjetivas e intersubjetivas.

Rodrigues ressalta que, além de instrumentos da palavra e da ação humana, como técnicas de que lançamos mão para difundir mensagens sobre os acontecimentos do mundo, assim como para dar a conhecer ideias, projetos e emoções, as tecnologias de informação colocam questões éticas, pedagógicas, técnicas e culturais para pensarmos, não se esgotando nas suas dimensões utilitárias e normativas. A razão de ser das questões culturais e políticas tem a ver com a natureza técnica dos dispositivos de informação, diz, concebidos à semelhança da organização dos seres vivos. Os dispositivos tecnológicos tendem a funcionar de modo a se sobrepor à experiência comunicacional tradicional, imediata e espontânea, constituindo, assim, uma nova modalidade de experiência do mundo.

Ele reconhece que “o processo de planetarização dos sistemas reticulares da informação e o concomitante alargamento da visibilidade da experiência informativa contrastam hoje com uma espécie de retraimento da esfera da experiência comunicacional” (Rodrigues, 1994, 219). Os dispositivos de informação, com sua instantaneidade, que põe fim aos limites do espaço e do tempo, colocam em crise as regras e os princípios de sociabilidade tradicionais e, ao mesmo tempo, são os laços sociais destas comunidades territoriais que impedem a automatização da esfera informativa em relação à esfera comunicacional. Porque será que diante de tanta tecnologia, há uma retomada da experiência? Será porque “é sempre a erva quem diz a última palavra”, que “preenche os vazios”, pelo meio das coisas, que agora faz transbordar tramas movediças dos campos da comunicação e ambiental?



III – Observer



### III

#### Observar

A pós-modernidade supõe a harmonia dos contrários, o pensamento flexível e libertário, que não respeita limites disciplinares e busca a interação entre diferentes escolas de pensamento, diz Maffesoli (2014). O autor defende que o conhecimento está formado de rigor e poesia, lógica e mitologia, razão e paixão, e que devemos investigar o cotidiano, assim como renunciar à verdade absoluta, porque a vida ultrapassa os conceitos.

Também Bachelard aponta para a aceitação do contraditório, do confuso, do provisório como parte do fenômeno em estudo, e sobre o qual devemos refletir racionalmente, organizando o conhecimento produzido. Morin (1996, 2001) aproxima-se em vários aspectos do pensamento de Bachelard, dentre eles, quando aponta o supralógico como comandando o lógico. Por sua vez, Bachelard (2001, 17) diz que “o conhecimento científico é sempre a reforma de uma ilusão”.

Ao afirmar a disjunção e a hiperespecialização, das áreas do conhecimento como determinantes do paradigma da simplificação, Morin chama a atenção para tomarmos consciência das consequências dos paradigmas, que podem mutilar o conhecimento e/ou desfigurar o real. Ou seja, produzir uma inteligência cega, que destrói os conjuntos e as totalidades, isola os objetos dos seus contextos, não concebendo o elo inseparável entre observador e coisa observada.

Conhecer o complexo é estratégico para trabalhar com o incerto, o acaso, o jogo múltiplo das interações e retroações. Pensar complexamente auxilia o pesquisador na sua inserção científica na realidade. E é com esse propósito explicitado pelo autor que compactuamos.



Sensibilizar para as novas carências do nosso pensamento e fazer compreender que um pensamento mutilador conduz necessariamente a ações mutiladoras. É tomar consciência da patologia contemporânea do pensamento [...] A patologia moderna do espírito está na hiperexemplificação que a torna cega perante a complexidade do real (Morin, 2001, 22).

Morin (1996, 2001) aponta para a necessidade de encarar a complexidade antropossocial, enfrentando a confusão, a solidariedade entre os fenômenos, as incertezas e as contradições da vida cotidiana, em que cada um representa vários papéis sociais. Para abordar a complexidade contemporânea, Morin parte do paradigma da simplificação, o qual põe ordem no universo e expulsa dele a desordem, quer separar o que está ligado (disjunção) e unificar o disperso (redução), quer esconder a multiplicidade e a aparente desordem dos fenômenos, buscando uma lei única a exemplo dos filósofos e dos cientistas do século XIX, criticados por Bachelard.

Morin (1996, 2001) percebe os paradigmas da complexidade e da simplificação como coadjuvantes na construção do conhecimento. Para ele, a desintegração cria desordem e a consequente auto-organização, com a agitação e o acaso participando e ajudando a produzir esta nova ordem, uma auto-organização da desordem. É o trabalho incessante de degradação/renovação celular que pode ser transportado para compreender os processos antropossociais. Por termos nos aprofundado em leituras da filosofia oriental, percebe-se que o pensamento complexo proposto por Morin está infestado pela circularidade ou de tal conhecimento milenar, por ele aplicado às ciências humanas e sociais ocidentais.

A tragédia da complexidade, segundo o autor, é a contradição que não se vence, a qual justamente dá movimento ao pensamento complexo. A complexidade percebe a solidariedade entre partes contraditórias, o que dá um caráter multidimensional ao todo. E é nessas condições que nos aproximamos da realidade antropossocial e da comunicação ambiental: enquanto pesquisadores que levam em conta a complexidade dessa realidade, com suas incertezas e devires.

A racionalidade deve provocar um diálogo entre estruturas lógicas e o mundo real, onde nosso sistema lógico é insuficiente, o que requer uma visão crítica do próprio processo de conhecimento. Morin, assim como Bachelard, fala-nos das

fronteiras do conhecimento como situações intermediárias e não definitivas, como algo vago, como zonas de complexidade.

Quando o pensamento complexo propõe a reintegração do observador na sua observação aponta para um elemento chave da epistemologia atual. Há o aparecimento do sujeito no objeto de estudo e, com isso, a vida cotidiana ganha espaço nas investigações. Ocorre também a aparição do sujeito como autor da investigação, portanto, assume-se que a objetividade é uma ilusão, já que as observações não se fazem sem o observador. É assim que a epistemologia atual solicita a revisão de conceitos tradicionais de verdade, objetividade, realidade, hierarquias e linearidades para nos fazer pensar em aberturas e tramas sempre inacabadas.





**IV – Não seríamos todos juntos?**

#### IV

#### Não seríamos todos juntos?

Pensar uma epistemologia da comunicação ambiental a partir de um lugar de pesquisador participante da observação leva-nos a reconhecer que o indivíduo é, do meio, mediador, como afirma Bognoux (1994). Ambos se mantêm em interação dinâmica, em um processo de coprodução. O meio age por excitações que fazem sentido ao organismo, que tem certa margem de interpretação, de tempo, de resposta ou liberdade.

O sentido é biológico, sensível e reconhecido pelo corpo, segundo Bognoux. “A necessária tomada de consciência do meio ambiente revela a complexidade de nossas vidas (jamais solitárias, sempre emaranhadas) e complica-nos o pensamento” (Bognoux, 1994, 32). Nessa perspectiva, coisas fixas são substituídas por fluxos, sistemas e interações, dialéticas, círculos recursivos.

Bognoux compartilha da perspectiva de Morin, que propõe como princípios da complexidade para pensar a realidade antropossocial: a dialogia (a dualidade na unidade), a recursividade (os produtos e os efeitos são, ao mesmo tempo, causa e produtores do que os produzem) e o hologramático (as partes contém a quase-totalidade, sendo que o todo ultrapassa a soma das partes).

“Onde há interação, a causalidade não poderá ser linear, mas circular e ‘complexa’” (Bognoux, 1994, 38). Pensar assim, diz, é derrubar as barreiras artificiais entre natureza e cultura, entre relações de força e o simbólico, entre corpo e espírito. Desse modo, o autor nos leva a entender a comunicação como coprodução. A pensar natureza humana e natureza não humana coproduzindo-se



mutuamente o tempo todo: o corpo do sujeito e a natureza sujeito, corpo natureza e a natureza sujeito. Não há objeto. Nem tampouco objeções. Há seres natureza.

Assim, podemos pensar uma experiência de educação ambiental enquanto fluxos de informação entre um corpo e a natureza em um processo de comunicação ambiental. A informação surgindo da natureza e do corpo em interação, não estando o sentido nem em um nem no outro, mas decorrente de sua coprodução de atravessamentos, de devires que tecem tramas inusitadas, constituindo experiências com fios mais duros ou mais flexíveis, conforme forem.

A interação comunicacional é colocada, como vimos, no centro do interesse das ciências da comunicação por muitos autores que abordam as interações não apenas entre objetos midiáticos e a sociedade, mas também aquelas que se referem a um processo de comunicação intrapessoal e interpessoal ou com o outro, seja ele humano ou não. A tarefa dos pesquisadores em comunicação é mais que desentranhar o objeto comunicacional dos demais objetos de conhecimento humano e social, como diz Braga (2001).

Quando se trata de comunicação ambiental é preciso incluir objetos não humanos que passam a ser também sujeitos, natureza-sujeito. Quando Sfez lembra a necessidade de reformulações das teorias de comunicação desde o funcionalismo à realidade contemporânea, afirma: “Não podemos mais formular as clássicas questões de decisão, cara a Laswell: ‘Quem diz o que a quem, através de que canal e com que efeito’, sem saber doravante que o ‘quem’ é múltiplo e impessoal e que o ‘que’ equivale a ‘quem’” (Sfez, 1994, p. 101). As coisas naturais são assumidas como “quem” na relação de comunicação ambiental que propomos, aproximando-nos do pensamento de Tim Ingold (2015, 61 e 62) quando reflete sobre os materiais como “componentes ativos de um mundo-em-formação [...] incansavelmente em movimento – fluindo, se deteriorando, se misturando e se transformando. [...] neste incessante intercâmbio respiratório e metabólico entre suas substâncias corporais e os fluxos do meio. [...] Isso obviamente se aplica a nós, seres humanos, tanto quanto a organismos de outros tipos”. Ordinariamente, no mundo, os materiais estão postos como sufocados, diz, ao que ele se contrapõe ao propor que respiram.

As coisas estão vivas e ativas, não porque estão possuídas de espírito – seja na e da matéria – mas porque as substâncias de que são compostas continuam a ser varridas em circulações

dos meios circundantes que alternadamente anunciam a sua dissolução ou – caracteristicamente com seres animados – garantem a sua regeneração. O espírito é o poder de regeneração desses fluxos respiratórios que, em organismos vivos, estão ligados em feixes ou tramas firmemente tecidas de extraordinária complexidade. Todos os organismos são feixes desse tipo. Despojados do verniz de materialidade eles se revelam não como objetos quiescentes, mas como colmeias de atividade, pulsando com os fluxos de materiais que os mantêm vivos. E a este respeito os seres humanos não são exceção. Eles são, em primeiro lugar, organismos, não bolhas de matéria sólida com uma lufada adicional de mentalidade ou agência para animá-los. Como tais, eles nascem e crescem dentro da corrente de materiais, e participam desde dentro na sua posterior transformação (Ingold, 2015, 63).

Materiais fluem, misturam-se e modificam-se, para Ingold. Ele cita o caso da “pedregosidade” da pedra, sujeita a variações em sua materialidade conforme a luz, a umidade, a sombra, o movimento, a secura. “As pedras também têm histórias, forjadas nas contínuas relações com o entorno que podem ou não incluir seres humanos e muitas outras coisas” (Ingold, 2015, 67). Não há, para o autor, outra maneira de entendê-las fora dos intercâmbios, tecelagens, entrelaçamentos e, portanto, de suas relações de comunicação ambiental. “A pedregosidade emerge através do envolvimento da pedra com todo o seu ambiente – incluindo você, o observador – e da multiplicidade de maneiras pelas quais está envolvida nas correntes do mundo da vida. As propriedades dos materiais, em suma, não são atributos, mas histórias” (Ingold, 2015, 69).

Trata-se, portanto, de uma ampliação de vínculos possíveis para se pensar na interação comunicacional. Quando Sodré (2001) afirma que a lógica comunicacional é fundada pelo dispositivo de sociabilidade, um processo de troca simbólica generalizada, um dos princípios fundamentais do vínculo social, fonte de todo valor, que permite ao sujeito conceber a sua subjetividade, tanto a sua dependência quanto a sua autonomia e libertação, nos leva a pensar a sociabilidade a partir de um olhar ampliado de outro, que inclui o ambiente como outro possível.



Isso sem negar a potência dos dispositivos midiáticos, os quais são colocados, por nós, estrategicamente, no lugar de possibilitadores de nomadismos epistemológicos.

Portanto, é preciso pensar a comunicação para além do midiático, enquanto ato de sentir e conferir sentidos na relação que cada um estabelece consigo, com o outro e com o mundo. A mídia aqui é o corpo. Além disso, por vezes, é parte do meu corpo, extensão do meu olho, como quando, no limite do olhar, faço uso da lente macro do dispositivo fotográfico. Nesse momento, quero penetrar esse outro corpo natural que atrai quem observa.

A relação comunicacional é uma experiência de interação aberta. Seus limites constantemente se transformam, pulsam, alargam-se e retraem-se (Rodrigues, 1994). Conforme quem é o outro da experiência comunicacional desdobram-se nuances singulares: o outro sou eu mesma, o outro é tu, o outro-mundo. Não seríamos todos juntos?



V – Corpografar



## V

### Corpografar

Territórios são constituídos de tramas gráficas: grafias de todos os tipos de vida que pulsam por ali. Grafias tramadas pelas energias que permeiam os corpos. Corpo-terra, corpo-pedra, corpo-nuvem, corpo-fauna, corpo-flora, corpo-humano, corpo-água. Tantos outros corpos-vida interdependentes formam ecossistemas biológicos, sociais, culturais, existenciais, psíquicos, espirituais e outros mais. Nem sempre atento, o ser humano - para alguns já pós-humano - parece às vezes afastado do exercício de observar estas interações.

Mas como podem-se provocar observações atentas e abertas aos atravessamentos destas conectividades? Como o sujeito percebe-se em meio ao mundo? Como sente as linhas de afetos que o perpassam? Como vive a interação com outros humanos e com o todo que existe no território que habita? Por quais experiências o sujeito é tocado no território que habita? Que observações se podem fazer emergir da provocação de uma experiência de interação multidimensional e multisensorial do mundo, em que todos os sentidos são convocados à presença no instante do aqui agora com o mundo?

Qual a potência dos sentidos para provocar experiências estéticas ambientais? Que emoções emergem da provocação para a sensibilização dos sentidos na experiência de interação com o mundo e tudo que advém dele? Que memórias são despertadas, criadas ou recriadas por meio dessas experiências? O que essas experiências individuais têm a dizer sobre o modo do ser humano habitar o mundo? Como se cruzam as experiências de diferentes sujeitos que habitam o mesmo território?

Quais elementos caracterizam essa interação que se constitui em um processo de comunicação ambiental ecosófica, já que afeta sua subjetividade, suas relações sociais e com o ambiente? Se os sujeitos são convidados a registrar sua experiência, que elementos sensoriais são eleitos dessas imersões no mundo para constituir documentos autobiográficos? Quais estratégias narrativas são escolhidas, o que as compõem, que linhas as atravessam, que forças e desvios se desenham? Quais escritas de si surgem dessas provocações sensoriais? Diferentes possibilidades decorrem da diversidade de modos de habitar um território. Quais fluxos emergem de um convite para alguém habitar um território colocando-se à deriva, em *flanerie*?

Que acontecimentos seriam passíveis de registros? Como fazer um mapa da experiência por meio de registros expressivos livres, com uso de escritos, de máquinas que produzem imagens, de técnicas inspiradas no campo da arte e da educação ambiental sensível? Como criar situações por meio de instruções para experiências ecosóficas que não sejam intrusões, imposições? O que os sentidos do sujeito dessas experiências sensibilizam para esse habitar o mundo? O que essas experiências podem nos fazer refletir sobre a vida nesse tempo-espço inserido na contemporaneidade?

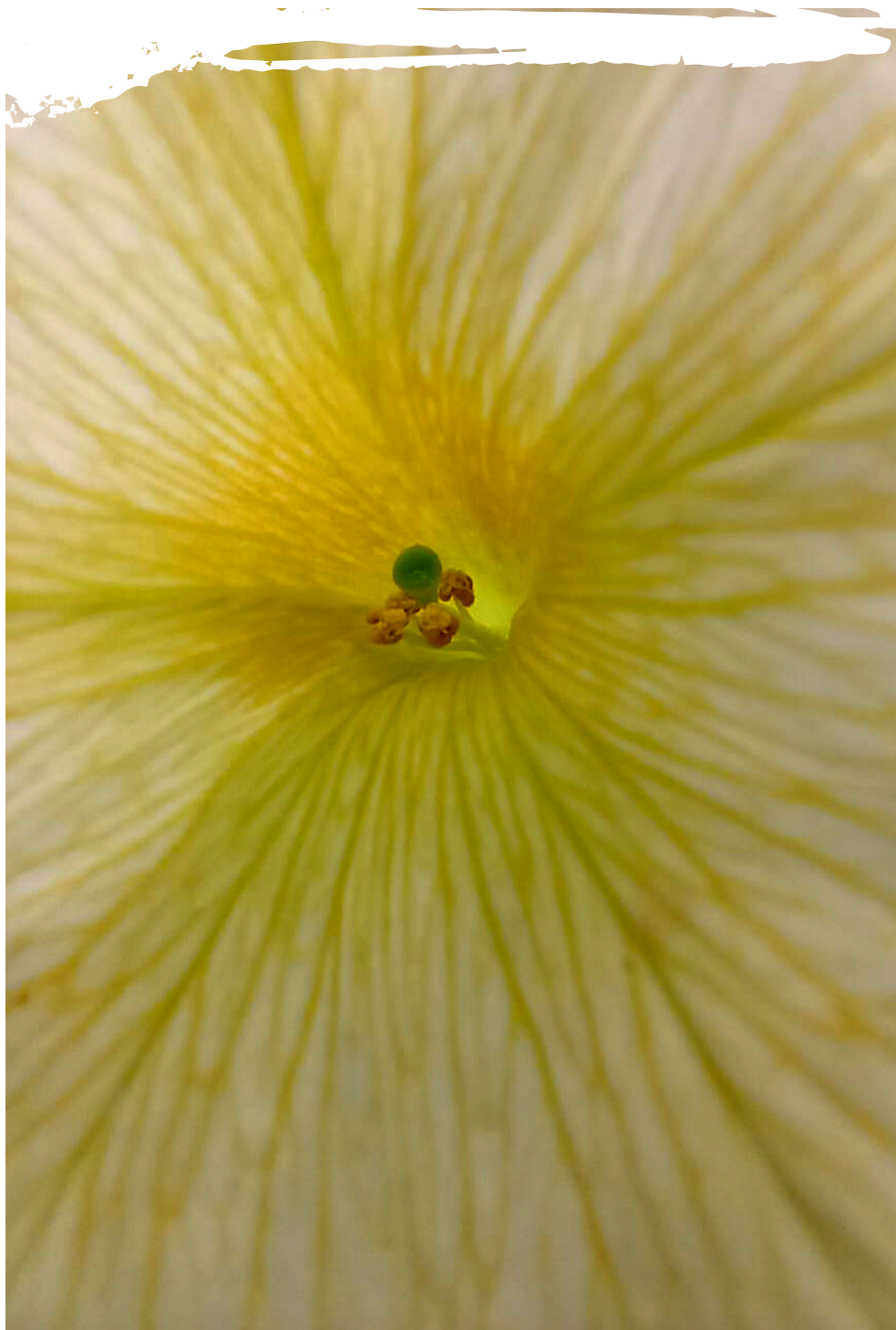
Em síntese, problematiza-se como essas possibilidades experienciais e metodológicas em comunicação ambiental podem aportar para o campo da comunicação quando transformadas em reflexão epistemológica? O que pode a comunicação ambiental sensível provocada por experiências fenomenológicas e sensoriais inspiradas na ecosofia? O que é possível transformar por meio de uma pesquisa mobilizada pela possibilidade de criar a partir do campo científico?

Esta é uma proposta de comunicação ambiental a ser compreendida em um amplo espectro ou ecosoficamente: como relação consigo e com o outro, seja este quem for que estejamos em relação, incluindo o ambiente (GUATTARI, 1991). Que tal fluir com a comunicação ecológica profunda?

A comunicação ambiental é um campo de saber que se expande a partir da década de 70 do século XX e não é delimitável. Por sua multidimensionalidade e complexidade requer um olhar interdisciplinar, que rompe com as análises de processos engendrados pelos campos midiático e jornalístico quando abordam a temática ambiental.



Nossas intervenções possibilitam a criação de processos de comunicação ambiental por meio de atividades colaborativas, que exploram o uso de imagens e as vivências com e na natureza, a fim de potencializar experiências ambientais (Arnhold, 2018; Damasceno, 2019; Erthal, 2016; Kich, 2017; Klunk, 2019; Marques, 2019; Marques e Mazzarino, 2019; Mazzarino e Assis, 2016; Neuefeldt e Mazzarino, 2016; Röhrs, 2020; Staudt e Mazzarino, 2016; Schneider, 2020). Que tal explorar outras linhas de força para a construção de autobiografias socioambientais sensoriais e imagéticas? Vamos corpografar?



**VI – Natureza, arte e tecnologia**



## VI

### Natureza, Arte e Tecnologia: design da ecosofia NAT

Propomos uma metodologia de intervenção em comunicação ambiental que mescle tecnologias de mídia, tecnologias sociais colaborativas, metodologias vivenciais de contato com a natureza e experiências artísticas. Trata-se de uma práxis inventiva e sensível por meio da tríade natureza, arte e tecnologia, a fim de criarmos experiências em comunicação ecosófica. Podemos denominá-la temporariamente de Ecosofia NAT.

Os princípios da ecosofia partem da ecologia profunda, um movimento que entende que toda forma de vida tem valor em si mesma. Somos e compomos a Terra que nos compõe, portanto, a diversidade deve ser respeitada e apreciada, buscando-se um equilíbrio ecorrelacional, já que o humano está em relação íntima com o ambiente no qual vive, diz Naess (2018). Para ele, a ecosofia é uma proposta em que filosofia e ecologia dançam. A ecosofia convida-nos a viver os desafios de uma vida na ecosfera aplicando-se a sabedoria da casa: "eco" "*sophía*". Naess criou sua ecosofia T e cada um pode criar a sua, já que a ecosofia é construída a partir da cosmovisão do indivíduo, dos seus relacionamentos com o entorno, da sua maneira de viver.

A trajetória de vida e de busca de conhecimentos me colocou diante de uma síntese trindade, quando percebi que, para as experiências que busco provocar, elementos da tecnologia, da arte e da natureza são imprescindíveis, compondo-se mutuamente, como delicados dispositivos para experiências ecosóficas que valorizam elementos da cultura contemporânea, como é o caso dos dispositivos midiáticos. Conversam entre si e, como hologramas, juntos potencializam-se mutuamente, além de retroalimentarem-se.

Em relação às tecnologias de comunicação, Rodrigues (1994) aponta para a esperança na invenção de usos dos dispositivos midiáticos com vista à construção e ao aprofundamento de novas dimensões libertadoras da experiência. O autor abre, assim, possibilidades para o uso das tecnologias para o aprofundamento da experiência, em processos comunicacionais que, como ele aponta, para além de serem interpessoais, devem ser pensados nas dimensões intrapessoal, assim como na interação com o mundo. Esses aspectos convergem com nossa proposta de comunicação ambiental, a qual reconhece a influência do interacionismo, da fenomenologia, da microssociologia e da etnografia, situando-se no paradigma da complexidade, marcado pelo que Rodrigo Alsina (2009) denomina de investigação pós-moderna.

As práticas educomunicativas atravessam a proposta enquanto uma estratégia metodológica que provoca para o uso e apropriação das tecnologias de mídia em processos criativos, articulados às experiências vivenciais junto aos ambientes naturais e/ou práticas colaborativas. Valorizam-se as contribuições que o campo da educomunicação pode oferecer para novas formas de ser, de modo que o sujeito se pense como parte de um ambiente que passa a conhecer de forma coletiva, investigativa, divertida, dialógica, a partir de processos de intervenção que valorizam tanto saberes científicos quanto populares. Uma das linhas de trabalho da educomunicação se apoia na *expressão comunicativa a partir do uso de Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) e das artes. E é esta que adotamos na nossa proposta metodológica.* por valorizar a sensibilidade, a experimentação e a autoexpressão por meio das *TICs* (Soares, 2011).

Em relação às metodologias da educação ambiental, pretende-se ir além das contribuições oferecidas por sua face hegemônica, consagrada nas últimas quatro ou cinco décadas, focada na construção de uma consciência crítica do cidadão para

a resolução de problemas, para a responsabilização ou o “agir na história”. Usamos a produção de imagens como uma estratégia de comunicação ambiental que privilegia a interface político-poética, de modo coerente com os pressupostos de Maturana e Guattari. Solidariedade, cuidado, cooperação, igualdade, amor são todas palavras que decorrem de um devir poético-político. Por serem valores que não são ensinados, precisam ser vivenciados, segundo Maturana (1998), constituindo-se em um processo de aprendizagem.

Marques (2011) afirma que, entre a estética e a política, a comunicação coloca em evidência a experiência humana cotidiana, a interlocução entre os sujeitos e a busca por formas de ser em comunidade. Camadas sensíveis de sentido e de dominação se entremeiam na formação de um mundo comum, escreve: “tanto a experiência comunicativa quanto a experiência estética têm como núcleo comum a capacidade de transformar situações, de instigar mudanças de um estado de coisas pré-definido, ao invés de cristalizar ordens já existentes de dominação e de conhecimento” (12).

Um mundo comum se materializa a partir da experiência da intersubjetividade, que vai além do outro humano. A experiência da interação com o ambiente e com o outro é parte da experiência de realidade de cada um e é o que nos constitui como humanos, diz. Trata-se de uma experiência comunicativa em essência, afetada pelo contexto em que ocorre, pela cultura que permeia as relações, por regras institucionais e elementos estéticos e políticos.

Quando organismo e ambiente estão integrados, funcionando como vasos comunicantes de vida, para Filho (2011), é natural que a experiência estética inclua o inesperado e a aventura, elementos que reconstróem a experiência até então sentida, permitindo compreender o que emerge do entorno entre criatura e ambiente. Pode haver qualidade estética em qualquer experiência ordinária, mas não é em todas elas que se explicitam, explica. O autor propõe explorar possibilidades criativas com intervenções dos sujeitos comuns, no cotidiano, rompendo com o que inibe a inventividade. “Na verdade, os tons de experiência são garantidos por essa possibilidade de matização entre intensidade da presença e o resgate de um sentido que se faz presente por meio de uma expressão” (12).

O universo imagético oferece-nos uma potência aberta ao gosto e aos usos na sociedade contemporânea. Desde sempre o ser humano produziu imagens do mundo, mas hoje elas se proliferam muito mais por meio das tecnologias, isso é o



que efetivamente mudou: elas estão por todos os lados, lembram Andrade e Freire (2009). "Estamos rodeados pelo universo imagético que ajudamos a (des)construir, quer seja integrando a composição da imagem, quer seja como mero fazedor" (1). Temos o poder de reproduzir o mundo por meio das imagens, o que afeta nossa forma de ser, estar e se relacionar com o mundo. Podemos expor nossas imagens-mundo, nossa imaginação.

Explorar a produção de imagens para provocar as pessoas a organizarem narrativas sobre sua relação com e no mundo que vivem abre possibilidades estéticas e políticas que são exploradas em nossa proposta metodológica por meio de fotografias e da produção fílmica. Moyses e Boni (2011), em trabalho sobre a relação da fotografia com a história oral, ressaltam o poder da imagem para atender à necessidade humana fundamental de estabelecimento de vínculos sociais. Observam que, quando a fotografia possibilita o reconhecimento das características comuns, reforça laços de identidade e de pertencimento. "Mais do que a expressão estética de um momento recortado no tempo, elas contam muito do ambiente e da situação vivida: "[...] aguçam a memória [...] são guardiãs de uma realidade" (p.2). Retratam hábitos, costumes, rotinas, locais, fatos, personagens e presentificam o passado. Portanto, trata-se mais da experiência do que da realidade. "Ela sempre desperta algum sentimento", fazendo despertar para algum acontecimento, diz o autor sobre a fotografia (14).

Imagens suscitam histórias, antecipam futuros, reportam origens, costumes e afetos. Antecipam trajetórias e roteiros, fixam e transcendem o espaço e o tempo. Sensibilizam as emoções e a imaginação, revelam acontecimentos e intencionalidades. Ampliam o olhar sobre o mundo, ultrapassando "ocularidades binárias e fragmentadas do sujeito", constituindo-se em um texto relacional (Dantas, 2013, 25).

A fotografia como experimentação estética de si, possibilita derivas a partir do olhar. O ato de fotografar possibilita recortar, dar visibilidade, dinamizar, desordenar, desvelar, movimentar, tirar do fluxo algumas cenas por instantes. Assim, a fotografia aprisiona o olhar na imagem que fixa, diz Dantas, mas com ela também o olhar pode vagar, recompor, pensar o mundo, o sujeito, os destinos da civilização.

A fotografia, como um texto que codifica os diversos encontros que regem o fazer e o viver humanos, conteria a possibilidade

do congelamento (reconhecimento da experiência anterior) e do descongelamento do objeto visto (abertura para novos significados (Dantas, 2013, 28).

A fotografia congela sentidos, mas também se abre a direções e desvios da criação. Aciona o olhar, captura, fabrica imagens. Para Dantas, o olho, assim, é como uma máquina sensível, enquanto o olhar, funcionaria como um catalisador capaz de religar as teias biológicas e culturais da fabricação de imagens.

Com a proliferação dos artefatos tecnológicos, fotografar tornou-se um ato automático, a ponto de as pessoas fotografarem sem olharem com atenção, sem estarem presentes, sem se conectarem com a experiência de fotografar, sem abertura à própria experiência estética e de vida. Assim, a proposta de fotografar é um convite para reaprender a olhar. “Aprendemos a olhar com as próprias imagens que produzimos, mas também com o olhar dos outros” (Barbieri, 2013, 5). Além disso, a fotografia coloca-se como possibilidade de intervir no mundo e, como expressão, oferece-se como arte advinda da possibilidade de perceber, sentir e compreender o mundo (Gonçalves, 2013).

Sobre as mídias e as tecnologias digitais, Fischer (2011, 79) propõe pensá-las como formas de “comunicar, de estar com o outro, de inventar – pela palavra, pelo som, pela imagem, pelo movimento – um modo de sair de si mesmo, esculpir-se, fazer-se também a si mesmo como uma obra de arte”. A autora levanta a hipótese de que o encanto dos objetos técnicos midiáticos talvez não esteja na magia tecnológica, mas na possibilidade de experimentá-los como uma fonte de contação de histórias, de experimentações narrativas, que expõe a necessidade ética e estética urgente de ampliação dos repertórios.

[...] o problema é negar a potência que pulsa em nós mesmos, que só espera o momento de se fazer palavra, imagem, música, movimento, para além da legitimação do já sabido, para além do uso da linguagem como depositária de uma única verdade, do que realmente precisaria ser dito (Fischer, 2011, 85).

Em outra obra, Fischer (2015) parte do tema da transformação ética do

sujeito em Foucault (o que ocorreria quando este se arrisca ao discurso verdadeiro e a experienciar a arte da existência), para elaborar seu pensamento em relação às narrativas e criações com uso das palavras e das imagens. Para Foucault o sujeito se transforma pelo que cria, quando se entrega a uma atividade do espírito, assim, criar é um desejo permanente, uma necessidade de entrega a uma condição vital. Criar a si mesmo não se separa da criação de nossos textos, de nossas narrativas, inclusive as imagéticas, nem da entrega às atividades do espírito. Escrever, pintar, deixar as próprias marcas, produzir algo, trata-se de um desejo permanente sem os quais não conseguimos viver. Para Foucault é na obra que o ser encontra seu abrigo e lugar. É na possibilidade de pensar práticas de si e da verdade que estaria a liberação do sujeito. Fischer escreve sobre a necessidade de se buscar novas formas de si e afirmar a sua verdade singular para fazer belas nossas vidas. A “elaboração ética de si mesmo tem a ver com uma estética da existência, em que o qualitativo ‘artístico’ poderia ou deveria ser substituído, mais adequadamente, pela palavra ‘artesanal’ - já que se trata de um efetivo trabalho sobre si mesmo” (Fischer, 2015, 953)

Três casos exemplificam empiricamente essas elaborações de si. Quando Silva (2011) usou da fotografia e do vídeo como estratégia de resgate do sentido coletivo e como meios para retratar a realidade de imigrantes e de indígenas, observou o sentimento de alteridade e a percepção de realidade que emergiu. Ela escreve que a produção realizada por pessoas comuns permitiu subverter as lógicas hegemônicas e a interpretação dos fatos a partir de cada sujeito envolvido na experiência autoral. O registro de histórias constituiu-se em um exercício de construção identitária e um recorte de experiências de si e do outro, que resultou na elaboração de uma estética da realidade apoiada em um caráter emocional e no embaralhamento de singularidades.

Da mesma forma, quando Cunha (2012) provocou oficinas de cinema e vídeo percebeu o surgimento de vídeos autoetnográficos, já que os produtos audiovisuais expressavam sensibilidades subjetivas, convertendo-se em um processo de construção identitária decorrente do exercício de falar e agir com autonomia ao longo da criação.

Oliveira et al. (2010) trabalharam sobre intersecções entre cinema e educação ambiental. Questionavam o que pode o cinema em relação à educação ambiental, que potências e singularidades consegue agenciar, quais devires e linhas



de fuga o cinema pode liberar em processos de educação ambiental e que fabulações consegue promover. Movidos por essas questões, experienciaram essa intersecção cinema-educação ambiental por meio de entrevistas em que a narrativa se constituiu no próprio acontecimento, sem roteiro, sem ordem cronológica, sem direção prévia dada aos personagens, que foram convidados a contar suas histórias de vida (experiências subjetivas mescladas ao contexto socioambiental). Desse modo, fizeram o tempo e o espaço desaparecerem como categorias rígidas.

Desses relatos, percebe-se que as intervenções colaborativas com uso de imagens buscam provocar experiências socioambientais que se convertem em registros que podem ser denominados autobiográficos, autoetnográficos, etnográficos, cartográficos ou etnocartográficos, conforme os fluxos que emergirem das intervenções. O que se quer, é que sejam experiências de livre expressão do ser, inspiradoras, plenas de intensidades.

Sampaio e Guimarães (2012, 406) apostam em “uma Educação Ambiental que teime em criar pensamentos, imagens, práticas repletas de desejo de tornarem vivas e potentes todas as formas não monetárias de vida”. Em outra obra, Guimarães (2013) pergunta-se como uma imagem pode abrir narrativas outras, que multipliquem modos de ver e narrar? O que ela pode solicitar e nos convocar a pensar e narrar? Que estéticas podem ser acionadas nas narrativas imagéticas? Que recortes elas exploram? Como tornar as imagens pulsantes de pensamentos?

Para Landim (2012) a experiência imagética tem a potência de afetar os corpos e provocar novas percepções e sensações. “O modo tátil de perceber é o modo unificado de sentir: ver, tocar, ouvir com toda a nossa pele e por toda a extensão do nosso corpo” (11). Os sentidos estariam unificados pela percepção tátil. Landim parte do conceito de sensorialidade tátil de McLuhan, que se refere a uma continuidade na experiência sensória, decorrente do fato dos sentidos estarem unificados pela percepção tátil, o que faz com que vejamos por meio dos ouvidos ou ouçamos por meio dos olhos. Todos os sentidos se unificariam por meio do tato. “A visão entra agora na era tátil. Contemplamos, agora, com a pele e com todo nosso corpo” (12)

A autora percebe uma intensificação do envolvimento sensorio diante dos estímulos sensoriais possíveis com o uso dos dispositivos tecnológicos midiáticos. “A percepção contemplativa dá lugar ao abarcamento tátil da experiência unificada do sensível, e os meios exigem de nós que todo o nosso corpo esteja envolvido na

percepção” (13). Podemos pensar em uma experiência tátil ampliada quando cruzarmos os estímulos sensoriais provocados pelas experiências imagéticas em interação com a experiência sensorial na natureza.

Tudo isso pode ser ainda mais ampliado enquanto experiência estética em comunicação ambiental, pois além da fotografia e dos audiovisuais, a expressão por meio de diversas outras formas de arte possibilita o acesso ao imaginário socioambiental e à sensibilidade, atentando-se às sensações, às percepções, ao corpo. Assim, a ecosofia NAT, ao incorporar natureza, arte e tecnologia, busca provocar a escuta poética, acatar o acaso, as temporalidades humanas não lineares, as derivas, as ecologias menores, a fragilidade, a intuição, a escuta dos desejos, a conversação, assim como o mergulho na natureza, sem escudos, para abrir-se ao reencontro com dimensões adormecidas, para o reconhecimento do lugar habitado, a realocação do ser humano no mundo, a resignificação das relações, o reavivamento dos sentidos, a redescoberta do potencial criativo.

Para provocarmos experiências sensíveis de comunicação ambiental, como propomos, utilizamos como dispositivos desencadeadores também elementos do Aprendizado Sequencial, método de Joseph Cornell (2005, 2008), que oportuniza às pessoas construir suas próprias experiências e narrativas sobre as experiências ambientais, a partir de atividades que exploram o contato direto com a natureza. Divulgadora no método no Brasil, Mendonça (2012) relaciona-o à fenomenologia goetheana, já que aposta no mergulho da experiência de contato direto com a natureza para o desenvolvimento da atenção, da intuição e da sensibilidade. A autora percebe um distanciamento tanto entre as pessoas como entre elas e a natureza, e afirma: “Se não conseguirmos nos relacionar com a humanidade que habita em cada ser humano, ainda mais distante é a percepção da natureza em toda sua delicadeza e como território máximo de sentidos” (Mendonça, 2012, 63).

É fundamental, na busca de novas e significativas relações, querer compartilhar, dar sentido, interpretar, expressar e viver, dizem Gutiérrez e Prado (2000). Por sua vez, Barcelos e Silva (2007) defendem uma “escuta poética” e a aceitação do acaso, subvertendo a temporalidade cronológica, ousando agregar valores tradicionais do pensar e territorialidades humanas não lineares. Os autores salientam a necessidade de valorização da imaginação. “Ou reformulamos nossas próprias estruturas mentais ou não conseguiremos sequer entender os problemas que hoje ocorrem”, dizem Barcelos e Silva (2007, p. 157). Concordando com essa

ideia, Adams (2004, p. 1) também defende o “contato com os sentidos para ampliar a percepção sobre o ambiente em que vivemos”. Neste sentido, é possível questionar:

Como fazer com que essas experiências produzam ressonâncias no corpo, gerando mudanças em relação à vida e a terra? O corpo aprende e apreende na medida em que interage, experimenta, sente-se presente e sensível aos acontecimentos. Em qualquer experiência, o corpo é o suporte da intuição, do saber, da invenção e ele aprende aquilo que lhe afecta e não o conhecimento que se tem sobre aquilo. Sua experiência leva vantagem sobre qualquer tipo de especulação e ele é convocado a evoluir, perder-se, assimilar, retornar, expandir-se, degustar, apreciar (Mazzarino, Vier e Keil, 2012, on-line)

Acabamos criando uma espécie de escudo perceptivo em relação ao ambiente, diz Catunda (2003, p. 242), o que reduz “incrivelmente nosso raio de percepção, miniaturizando o espaço físico, oprimindo a sensibilidade, condicionando-nos a uma sociabilidade mais intermitente e passageira”. Para retomar a si, é preciso revalorizar os fragmentos subjetivos e reconhecer que se é “um ser incompleto, incerto, inacabado, criativo, curioso, e por tudo isso um sonhador de coisas a serem buscadas” (Barcelos, 2003, 43).

Em consonância com estes autores, Silveira (2009) propõe “a educação estética ambiental” como forma de provocar o reencontro do humano com suas dimensões fluidas: sensível, afetiva e poética. Para o autor, trata-se de valorizar as vivências, o erótico, a relação com o lugar, a religação, a liberdade, a subjetividade, os compartilhamentos, os pertencimentos histórico-culturais, o afeto, a criatividade, a imaginação, permitindo afloramentos de dimensões adormecidas e o desenvolvimento humano integral.

Nesse processo de encontro com o mundo baseado na obra de Merleau Ponty, Silveira afirma que o corpo é o elemento essencial, pois a carne é onde a experiência se materializa. A principal proposta do autor está sintetizada no fragmento que segue:



Ao educar a sensibilidade, a partir dessa relação afetiva entre ser humano e ambiente, também a relação do ser humano com seu igual é ressignificada, desenhando um novo sentido do agir ético. Avançar da dimensão essencialmente discursiva presente na educação ambiental para a dimensão vivencial: eis o aporte da educação estética ambiental (Silveira, 2009, p. 380).

Aporte este que apresentamos a fim de pensar uma comunicação ambiental estética. Assim como a educação estética ambiental, não se nega a necessidade de um posicionamento crítico e contestatório em relação às problemáticas ambientais, mas valoriza-se a redescoberta do potencial criativo, a sensibilidade do ser humano e o reavivamento dos sentidos do mundo vivido (Silveira, 2009).

Para alguns autores, uma educação ambiental focada fortemente em elementos problematizadores e políticos não deixa de ser uma forma de controle social. Trata-se de um paradoxo interessante.

[...] a educação ambiental, ao se colocar a missão de ‘conscientizar’, não se torna uma ferramenta de controle brutal, reduzindo a aprendizagem enquanto experimentação a um mero exercício reflexivo; apressando-nos a preencher os vãos entre as coisas com uma ‘argamassa’ de conceitos, fatos e valores, de forma a que se sinta, diga ou pense o já sentido, dito e pensado? (Godoy, 2007, 134)

Para Godoy, tanto a escola como o discurso ambientalista denominado por ela como “ecologia maior”, buscam regular e controlar comportamentos considerados “socialmente danosos”, por meio de uma perspectiva binária, “reduzindo a ecologia a uma prática destinada a alcançar, por meio da conservação, uma perfeição supostamente dada à natureza”. Os corpos, nesse contexto, tanto o individual quanto o da Terra, são pensados como “aquilo a ser formado ou (re) formado pelos novos saberes e suas aplicabilidades”, segundo prescrições de

regulação e controle cada vez mais inclusivas e democráticas sobre o que “se deve ou não fazer, no que se pode ou não fazer” (Godoy, 2007, 123 a 125).

A proposta da “ecologia menor” assim como critica a educação de viés estritamente político, que tem em si a face do controle, propõe outras forças potencializadoras, que advém das derivas e do pensar, o que encaminha para elementos estéticos ou, como tratamos, poéticos. Eles, em reunião com a dimensão política, constituem a poética na política.

Essa proposta converge com a educação que Duarte (2004) defende, a qual atenta aos domínios corporais e sensíveis e aos estímulos dos sentidos, para uma educação estésica e não anestésica, como a educação tradicional. No mesmo caminho, Maturana (1998) convida à apropriação, à exploração e à coexistência com a natureza, sem pretender dominá-la ou negá-la, mas entregando-se a um viver matritico, baseado no respeito e na colaboração na criação de um mundo que admita o erro, que permita viver a responsabilidade pelas consequências de nossas ações, refletir sobre o que nos acontece, percebendo sua interdependência com a realidade. É preciso dar-se conta de que “[...] nossa corporalidade nos constitui, e que o corpo não nos limita, mas ao contrário, nos possibilita” (Maturana, 1998, 53).

O autor reclama a valorização das emoções entrelaçadas no cotidiano como constituintes do viver humano e de todo sistema racional: “[...] emoções são disposições corporais dinâmicos que definem os diferentes domínios de ação em que nos movemos” (Maturana, 1998, 15). O caos não se instala com a inserção da emoção no sistema racional, mas quando perdemos nossa referência emocional, encontrando-nos recorrentemente em emoções contraditórias, diz o autor.

Entendemos que se a poética se refere à experiência na carne, este lugar do sujeito, a política refere-se à experiência no corpo coletivo, esse lugar do eu e do outro em um cenário cósmico. Assim, a partir das ideias postas depreende-se que, quando usamos métodos da educação ambiental em uma proposta de comunicação ambiental que explora o deleitamento, a sensibilidade, a ludicidade, a liberdade criativa, o contato direto com as formas de vida, compartilhando experiências, percebemos que conceitos são verdades temporárias. Rompe-se, assim, tanto com o autoritarismo dos saberes dominantes como com as representações sociais senso comum. Métodos poéticos têm demonstrado a potência de propiciar sentidos que se vivenciam pelo corpo, portanto singulares, como é da natureza da experiência (Bondía, 2002).

Essa perspectiva converge com a proposta pedagógica ou antipedagógica de Barcelos (2010), que rompe com os conceitos pelos conceitos e com as categorias prévias, assim como com as formas rígidas e fixas que levam à passividade. Para o autor, é necessário contar com o fugaz, com o precário, com o ato criativo e com a participação efetiva e afetiva dos envolvidos em uma pedagogia a ser experienciada em educação ambiental. Ele defende que se contemple a experiência estética das pessoas, assim como sua intervenção criativa e sua inserção autônoma. Para rompermos com perspectivas que desconsideram o outro, ele aposta na articulação entre ciência e arte, razão e emoção na construção do conhecimento. Barcelos realoca para a educação ambiental a proposta do Parangolé de Oiticica de "criar uma arte ambiental em que o corpo participa efetivamente da criação da obra de arte", como parte e não como suporte.

A mesma proposta já havia sido abordada pelo autor em outro artigo, quando Barcelos e Silva (2008) afirmam que somos desafiados a construir alternativas às nossas próprias ideias cristalizadas, de modo a nos arriscarmos a criar e andar por mapas desconhecidos, a fim de construir algo nosso, próprio, diferente. Fugir à sedução das cópias do que já existe, da acomodação das mentes preguiçosas e cansadas, despir-se do medo e ousar romper com padrões. Exercitar formas peculiares de olhar e pensar o mundo, sem imposições ou restrições. Livres para criar e antropofagiar munidos da intuição<sup>1</sup>. Valorizar o que é próprio ao invés de introjetar o que é do outro como superior. Devorar o outro para fazer algo novo a partir da própria criação antropofágica. Questioná-lo ao invés de incorporar sua cultura, suas preces. Contar nossas próprias histórias, construir nossas próprias narrativas.

Para os autores, são os processos participativos na educação ambiental que possibilitam surgir o novo, agenciar novas realidades, abrir-se ao risco por meio da exploração de formas experimentais e experienciais na educação ambiental. Portanto, o novo advém da criação de uma pedagogia da devoração que reconheça o outro como legítimo para criar junto, valorizando experiências, trajetórias, histórias, subjetividades e memórias. Romper com a cultura pedagógica que busca servir a modelos formatados por outros, inventando novas possibilidades de ser e fazer educação ambiental, desorganizando e sincretizando elementos em um

1 Antropofagia baseia-se no Manifesto Antropofágico, que defende a identidade nacional e a diversidade cultural brasileira frente à importação de modelos.



parangolé metodológico. A proposta da ecosofia NAT com a criação de autobiografias socioambientais imagéticas realiza essas influências sensíveis e desviantes de expressão livre.

Outra inspiração do nosso parangolé vem de Ormezzano e Poma (2013) e sua educação ambiental inventiva, multicultural, transformadora da percepção humana do Cosmos, que contempla os mitos, as artes, o imaginário e a linguagem não verbal em processos educativos estéticos. Uma educação socioambiental transversal e transdisciplinar, articulada em uma visão complexa do meio habitado, de modo a apreender a realidade simbiossinergicamente e espiritualmente. A arte é poderosa para isso e para ampliar a percepção da vida como um ecossistema em que tudo vive de forma interdependente, inclusive ideias e emoções com imaterialidades afetando materialidades, escrevem. As autoras propõem um exercício de conexão por meio de um olhar atento ao ser no mundo, exercitando uma visão cosmológica por meio de oficinas artísticas que são disparadoras de processos de sensibilização. "É por meio da arte que expressamos melhor nossa forma de agir, de sentir e de pensar, sentindo-nos mais integrados, e podendo sistematizar a realidade simbolicamente, utilizando da comunicação verbal e não verbal para elaborar determinado conhecimento ou saber" (Ormezzano e Poma, 2013, p. 229). Da mesma forma, Sato e Passos (2009) propõem pensar a arte como componente da educação ambiental, que valoriza o menor, evadindo das práticas do ecologismo tradicional.

[...] a arte nunca foi percebida como temática imprescindível no debate político do ambientalismo, ficando renegada às dinâmicas iniciais ou finais de eventos e encontros; ou puramente limitada aos museus, com exposições caras para que somente a elite consiga compreendê-la. Ora, a arte, e toda ela, diz respeito ao mais fecundo do ser humano. Expressão de transcendência, de superação do espaço e tempo. Enfeixa os tempos e espaços em linguagem que une o singular ao universal, e nos arrebatava (Sato e Passos, 2009, 45).

As experiências de pesquisa de Sato e Passos envolvem música, teatro, fotografias, literatura, cinema etc. Em relação à imagética, situam que é uma forma

de manifestação desde os tempos primitivos até a era digital, portanto, são intrínsecas ao humano, pois perpassam sua natureza.

Uma imagem é uma viagem em transe, repleta de particularismos que incitam memórias vagas, emoções frágeis ou compreensões carreadas que vem à tona por sua expressão. [...] A arte é, também, o exercício de nossa capacidade de quebrar a monotonia textual e aprender a usar diferentes linguagens no desafio pedagógico e investigativo. [...] Uma imagem pode ser um movimento inter e autotextual, que permite restaurar nossos sentidos de criação, proteção ou aprendizagem (Sato e Passos, 2009, 47).

Bondía (2002) debruça-se sobre a arte a partir das palavras. Diz que pensar é dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, o que tem a ver com as palavras, com o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, dos outros e do mundo. "O homem é um vivente com palavra [...] se dá em palavra, está tecido de palavras" (21). Por isso, atividades com palavras não são vazias. Por meio delas damos sentido ao que somos, ao que nos acontece, a como correlacionamos as palavras com as coisas, como nomeamos o que vemos e sentimos ou como vemos e sentimos o que nomeamos. Nomear o que fazemos é uma práxis reflexiva, uma experiência dotada de sentido.

Portanto, a proposta de produção de autobiografias socioambientais por meio da ecosofia NAT explora as diversas possibilidades de expressão que temos a nosso dispor na contemporaneidade, sejam mais primitivas, analógicas ou virtuais. O que buscamos é compreender como as experiências dos sujeitos vão sendo narradas para si de modo que possamos dar a conhecê-las ao mundo como uma forma de expressão no espaço-tempo vivido aqui e agora.

Refletir sobre a comunicação ambiental a partir desses pressupostos leva-nos a reconhecer que o indivíduo se mantém em interação dinâmica, em um processo de coprodução com o ambiente, como afirma Bognoux (1994). O meio age por excitações que fazem sentido ao organismo, que têm certa margem de interpretação, de tempo, de resposta ou liberdade. E o sentido é biológico, sensível e reconhecido pelo corpo, segundo Bognoux. "A necessária tomada de consciência

do meio ambiente revela a complexidade de nossas vidas (jamais solitárias, sempre emaranhadas) e complica-nos o pensamento”, pois, nesta perspectiva, coisas fixas são substituídas por fluxos, sistemas e interações, dialéticas e círculos recursivos (Bougnoux, 1994, 32).

Propomos pensar a natureza humana e natureza não humana coproduzindo-se mutuamente o tempo todo: o corpo do sujeito e a natureza-sujeito, corpo-natureza e a natureza-sujeito. Desse modo, nos distanciamos das perspectivas de comunicação ambiental que quantificam, mapeiam, perseguem padrões, enquadram e, não raro, asfixiam sensibilidades, sendo geralmente centradas nas mídias pela própria mídia. Realizamos, por meio da experiência, uma comunicação ambiental comprometida com a perspectiva ecosófica de Guattari (1991), a qual ocupa-se em fazer emergir novos territórios existenciais a partir da interconexão entre subjetividade, relações sociais e meio ambiente.

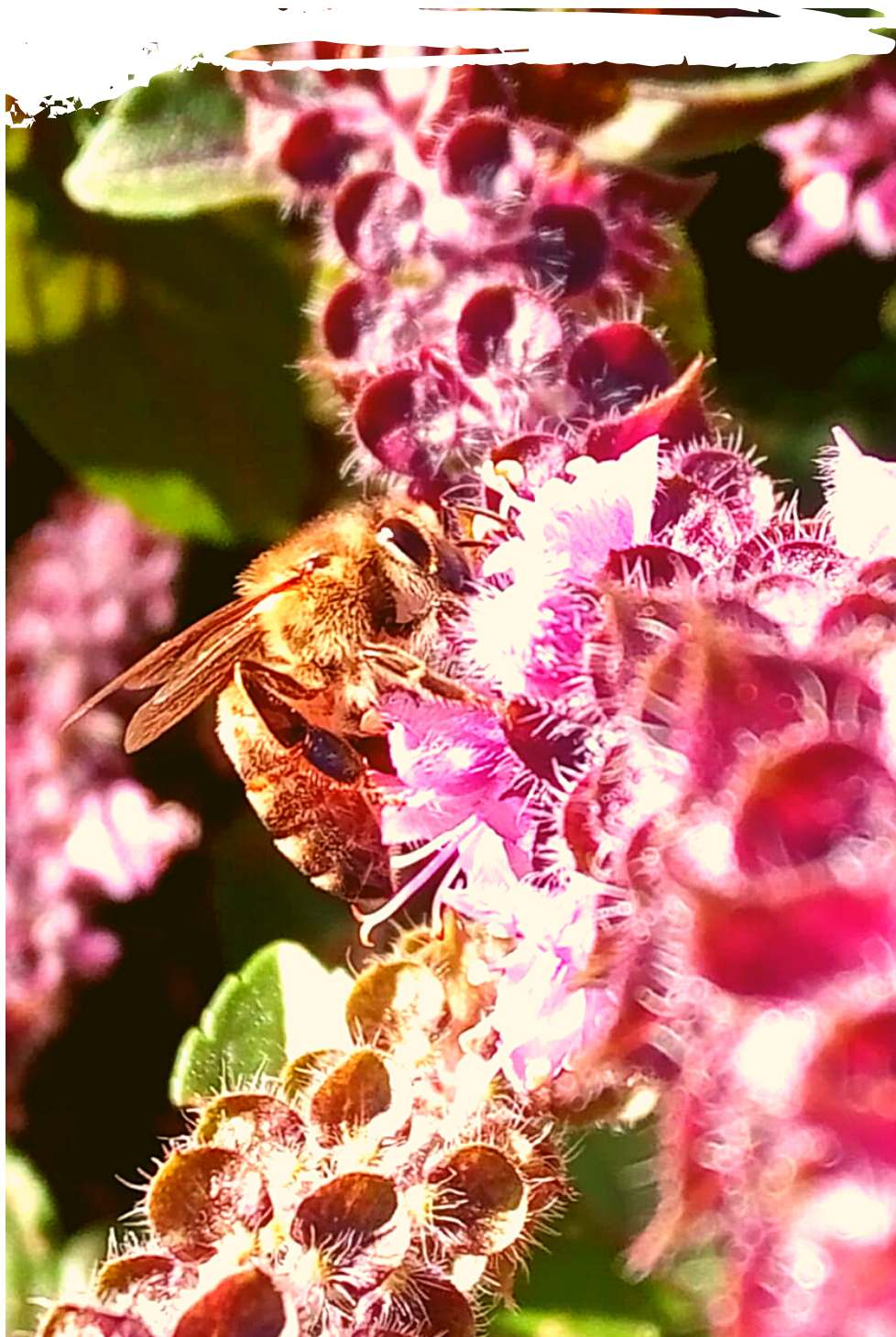
Guattari propõe não só buscar antídotos para a uniformização e a usinagem midiática, como fundar a era pós-mídia por grupos-sujeito capazes de geri-la em uma via de ressingularização a partir da acessibilidade às tecnologias de comunicação e, desse modo, fazer desabar propostas autoritárias de tomada de consciência das massas. Apropriar-se das mídias não para produzir informação, que degrada a experiência, mas para produção de relatos, os quais incorporam o acontecimento na vida de quem o conta, comunicando sua experiência para quem escuta, já que o narrador deixa seu traço no relato. O relato é da ordem da experiência. É a produção de relatos ecosóficos que provocamos com nossas intervenções e suas composições metodológicas transversais.

Diante do contexto de progressiva deterioração da natureza, das relações sociais e da psique, decorrentes tanto de poluições objetivas e também desconhecidas, quanto da passividade, Guattari afirma a necessidade de uma articulação ético-política do que ele denomina os três registros ecológicos: do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana, percebendo essas três ecologias como vasos comunicantes, ecossistemas em interação. O autor afirma que a resposta à crise ecológica tem que ser planetária e de ordem política, social e cultural, envolvendo a sensibilidade, a inteligência e o desejo, o que requer a necessidade de uma percepção complexa e multipolar e a constituição de novos territórios existenciais.



Adotar a perspectiva ecosófica requer forjar novos paradigmas de inspiração ético-estética, inaugurar aberturas prospectivas, romper com a repetição mortífera, experimentar descentramentos e problematizações transversais, debruçar-se sobre dispositivos de produção da subjetividade, a fim de recompor as práxis humanas para a ressingularização de indivíduos e coletivos, reinventando maneiras de ser e de ser em grupo, a relação do sujeito com o corpo, com o tempo que passa, com os mistérios da vida e da morte. Para Guattari (1991) é preciso “se por-a-ser” e romper encaixes totalizantes para trabalhar por conta própria, manifestar-se por linhas de fuga, buscar outras intensidades para compor outras configurações existenciais, desserializar-se, deixar de repetir-se.

Trata-se, segundo o autor, de explorar práticas micropolíticas e novas suavidades, inventando outros contratos de cidadania, baseados na heterogênese. Adotar a eco-lógica, que não busca resolver contrários, mas valoriza novas derivas, o incidente criativo. Jogar o jogo da ecologia do imaginário, a lógica da ambivalência desejante, reapreciar a finalidade do trabalho e das atividades humanas em função de critérios diferentes do rendimento e do lucro. É desse modo que Guattari propõe que a humanidade se reassuma a si mesma, reaproprie-se dos universos de valores, reconquiste a autonomia criativa, encontre consistências por meio de processos contínuos de ressingularização baseados na heterogênese (com respeito às diferenças e à solidariedade), que possam tolher a falta de graça e a passividade.



## VII – Acoplamentos metodológicos

## VII

### Acoplamentos metodológicos

Nosso desejo é acolher as derivas investigativas baseadas em experiências sensoriais e imagéticas, cartografar movimentos que constituem a experiência estética de habitar o território socioambiental enquanto uma interação comunicacional permeada por disparadores da sensibilidade, criadores de acontecimentos que vêm a compor a narrativa da experiência enquanto uma autobiografia socioambiental. O parangolé metodológico que criamos explora o contato direto com a natureza, a apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), dinâmicas colaborativas contemporâneas e exercícios expressivos da arteterapia. Provocam experiências estéticas ecosóficas que também afetam os pesquisadores, que não saem imunes do que provocam. Acercamo-nos da experiência do outro, acessando um plano comum.

Para provocar o contato direto com a natureza, inspiramo-nos no Aprendizado Sequencial, método de Joseph Cornell (2005, 2008), que oportuniza às pessoas construir suas próprias experiências ambientais e narrativas sobre elas, a partir de atividades que seguem quatro etapas: a) despertar o entusiasmo: fase em que é possível criar uma dinâmica entre os participantes para envolvê-los nas atividades; b) concentrar a atenção: momento para aprofundar a percepção, concentrar a atenção e acalmar a mente, introspectar, sendo o foco maior do método; c) experiência direta: quando o participante passa a fazer suas descobertas entregando-se ao contato mais intenso com os elementos naturais, aguçando a



intuição e a percepção; d) compartilhar inspiração: quando cada um relata como viveu a experiência. Nas nossas intervenções, unimos a segunda e a terceira etapas em um único momento.

A exploração das TICs é inspirada nas práticas educacionais que exploram a área relativa à expansão comunicativa através do uso dos recursos de informação e das artes, com a produção de peças fotográficas ou audiovisuais pelos participantes, decorrentes de suas experiências de interação com a natureza.

As técnicas colaborativas são inspiradas nos processos de criação colaborativa de projetos, entre elas a Investigação Apreciativa, a Pedagogia do Círculo, o Dragon Dreaming, o Trabalho Que Reconecta (TQR), as Conversas Significativas, a Comunicação Não Violenta (CNV), mapas sociais, mapas de paisagem etc.

As experiências artísticas exploram formas de criação com diversos materiais, buscando sensibilizar o participante em seus aspectos sensório, motor, perceptivo, afetivo, cognitivo, simbólico, criativo, intuitivo. Essas práticas são dinamizadas com exercícios de imaginação e expressão com colagens, fotografias, escrita e desenhos, utilizando a diversidade de materiais artísticos disponíveis, constituindo-se em um processo arteterapêutico, que tem a força para desencadear a criação de novos territórios existenciais.

As intervenções em ecosofia NAT exploram as três dimensões da ecosofia (subjetiva/social/ambiental). Cada encontro tem um objetivo que organiza o fio condutor entre as atividades, que começam com a lembrança dos elementos da Pedagogia do Círculo (quando as atividades são virtualizadas, os participantes são convidados a um círculo imaginário). Uma pergunta disparadora gera o primeiro movimento de socialização, com a fala mais profunda de um e a escuta atenta dos demais. Em seguida há o convite à introspecção para a experiência direta, por meio da exploração dos sentidos e de seu registro por meio das mais diversas formas de expressão. Essa atividade é geralmente feita de maneira individual. Em seguida acontece o momento de compartilhamento da experiência, buscando-se ressonâncias e dissonâncias, em que o facilitador “costura” a fala com o tema do encontro.

De forma presencial ou virtualizada, em encontros síncronos, os participantes também são provocados a fazerem travessias pelo território que habitam, de forma atenta a como seus sentidos são tocados pelo ambiente, que pode ser sua casa, uma horta, espaços de mata ou de floresta, da cidade ou de áreas rurais, um parque

ou uma escola, entre outros. Munidos de materiais de registro em forma de escrita, desenho, fotografia e audiovisual, entre outros, são convidados a cartografarem trajetos, abertos ao que emergir. Essas corpografias vão compondo suas autobiografias socioambientais sensoriais e imagéticas, que podem ser sintetizadas na construção de *e-books* ou, ainda, na produção de documentários etnopoéticos sobre as experiências, por exemplo.

Entre as formas de registro das observações, enquanto pesquisadores, produzimos relatos que valorizam a experiência observada, inspirados na cartografia, na qual o pesquisador se coloca como implicado pelo acontecimento da pesquisa, envolvendo-se mais intensamente. E é essa intensidade que Ingold problematiza na etnografia. “O objetivo da etnografia é descrever as vidas de outras pessoas além de nós mesmos, com uma precisão e sensibilidade afiada por uma observação detalhada e por uma prolongada experiência em primeira mão” (Ingold, 2015, 327). O autor propõe acoplar a observação à descrição de modo diferente da prática etnográfica clássica, em que o etnógrafo se *afasta*, buscando desconectar a observação e a descrição (Ingold, 2015, 262). A proposta de Ingold, assim como a cartografia, é debruçar-se sobre malhas. É como se o autor sentisse a necessidade de que a etnografia desse um passo adiante, em direção à proposta cartográfica de Deleuze e Guattari.

Como pesquisadores, podemos etnografar ou cartografar as intervenções, o que depende da intensidade com que se é tocado pela experiência. Por isso, criamos o termo-acoplamento etnocartografias ou relatos etnocartográficos, que valoriza as diferenças de intensidades e de modos de escrita de quem se põe a pesquisar. Alguns são mais etnógrafos, outros cartógrafos, sendo que uns podem vir a se transformar em outros, entre eles os próprios participantes. Na etnografia o registro é uma busca por aproximar-se do ponto de vista de quem vive a experiência, enquanto na cartografia pesquisador e participante mergulham na experiência e se deixam atravessar pelas forças que advém dela (Passos, Kastrup, Tedesco, 2014). O cartógrafo toma o objetivo e o problema de pesquisa como pistas, indo ao campo aberto que emergir e deixando-se afetar pelo processo. Na etnografia o pesquisador está menos implicado na experiência de campo<sup>2</sup>.

O cartógrafo acompanha processos ao invés de representar objetos (Kastrup,

2 A cartografia deriva de um dos elementos da proposta filosófica de Deleuze e Guattari (1995), que é bastante explorada no Brasil a partir dos campos da Educação e da Saúde.



2007). Ao habitar o território, sua atenção está atenta e aberta à experiência e à subjetividade, consideradas elementos para a construção coletiva do conhecimento com os participantes. O pesquisador-cartógrafo mergulha em movimentos das paisagens psicossociais e ambientais do território, em que mapeia fluxos, linhas, forças, deixando-se afetar conforme sua atenção pousa no que acontece. Coloca-se na descrição, indo além das situações observadas, atendendo às multiplicidades formadas por entradas, aos caminhos, aos movimentos, aos percursos, às conexões e aos ritmos (Passos e Kastrup, 2013; Deleuze e Guattari, 1995; Moraes Junior, 2011). Os acontecimentos e as experiências redefinem trajetórias em campo, à medida que o cartógrafo sente-se tocar (Rolnik, 2014). A cartografia é um convite a reinventar a pesquisa de campo, assumindo a subjetividade do pesquisador como parte a ser valorizada e não um obstáculo a ser negado. O pesquisador assume-se irremediavelmente como parte da experiência. Aí reside a principal diferença em relação à etnografia.

Cartografar é construir mapas compostos por linhas diversas que atravessam o sujeito em sua experiência: linhas duras ou de segmentos determinados (família, profissão, classes sociais, gêneros, sujeitos), linhas flexíveis ou moleculares - que atravessam os segmentos e traçam, neles, desvios e modificações - e linhas de desterritorialização, que carregam o segmento para o movimento de fuga ou de fluxo. As três linhas são imanentes, tomadas umas nas outras (Roos, 2014, 26)

Os territórios psicossociais são compostos por estas linhas que se entrelaçam formando uma malha. Elas podem ser observadas e mapeadas: umas expõem durezas, outras, flexibilidade, e há aquelas que se movem pela vontade de fuga. Uma é sempre composta também pelas outras duas, podendo desterritorializar-se para reterritorializar-se em outras. Nada de binarismos, tudo de complexidade (Fonseca e Costa, 2013).

As linhas de segmentaridade dura ou corte molar são geralmente próprias das instituições e, desse modo, tendem a ser previsíveis, calculáveis, enrijecidas, demarcadas, fixas. As linhas flexíveis são imprevisíveis, incontroláveis, referem-se a fissuras, micropolíticas, caracterizam-se por sua fluidez e são provocadoras de desabamentos, encantamentos e devires. Quanto às linhas de fuga, elas são dadas a variações e a mutações, irrompem afetos, provocam desterritorializações, algumas irremediáveis.

Mais duras, mais flexíveis e fugidias, as linhas perpassam tudo, cruzam-se,



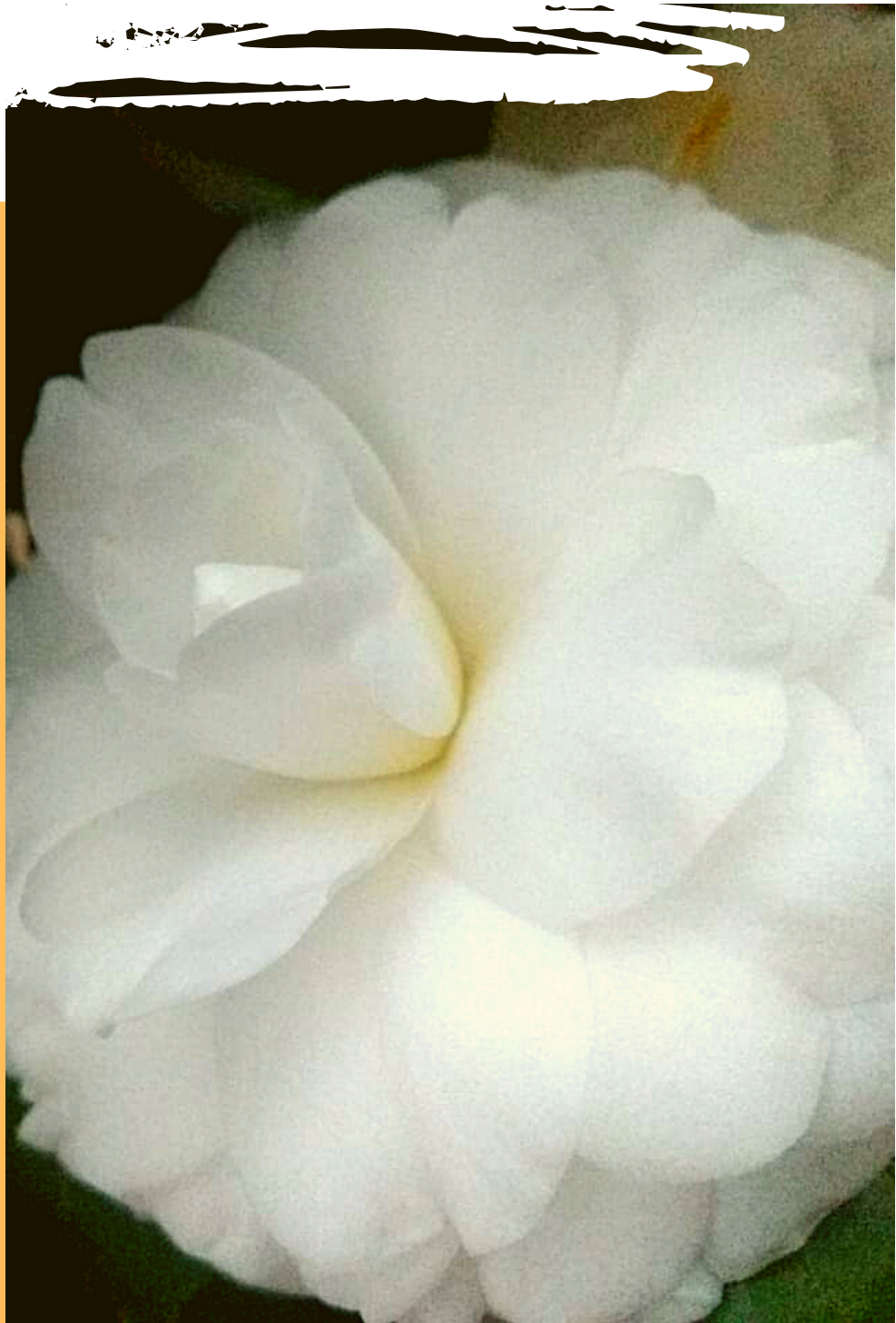
provocando emaranhados de interconexões que compõem os rizomas com suas ramificações múltiplas (Deleuze e Guattari, 1995, 2012; Moraes Junior, 2011) “Pensar nas coisas entre as coisas, é justamente criar rizomas e não raízes, traçar a linha e não fazer balanço [bater o ponto]” (Deleuze e Parnet, 1998, 36).

Pensar rizomaticamente requer atenção em pontos heterogêneos que se conectam sem cessar, desenhando organizações de poder e cadeias semióticas, formadas por aglomerados linguísticos, perceptivos, mímicos, gestuais, cogitativos. A língua, dizem os autores, evolui por hastes, fluxos subterrâneos, vales pluviais, linhas, manchas. Não se fecha em si mesma. Assim, uma análise rizomática da linguagem se efetua por descentramento, sobre outras dimensões e registros.

No rizoma não há uma unidade, não há sujeito ou objeto, somente determinações, grandezas, dimensões formadas por multiplicidades de linhas. Não há pontos ou posições como em uma estrutura e as linhas mudam de natureza conforme se conectam e agenciam-se mutuamente.

O rizoma compreende linhas de segmentaridade, com as quais se estratifica, territorializa, organiza e significa, mas há as linhas de desterritorialização pelas quais foge sem parar. Os autores usam como exemplo para abordar as rupturas assignificantes, como já vimos, a vespa e a orquídea que, por acoplamentos e devires, produzem encadeamentos, revezamentos e circulação de intensidades. Desterritorializam-se e reterritorializam-se mutuamente. Há sempre um fora com o que se faz rizoma, escrevem. Eles propõem produzir linhas abstratas e tortuosas com múltiplas dimensões e rompimentos de direções, seguindo os fluxos, conjugando-os quando desterritorializados.

Deleuze e Guattari (1995) rompem com a ideia de interpretar representações sociais, com a lógica da reprodução, do decalque. Não interessa o que já foi feito. Sua atenção busca compor mapas e fazer experimentações com o real, cartografando ao invés de decalcar. O mapa é aberto a múltiplas entradas, conectável, desmontável, rasgável, adaptável, reversível, suscetível a modificações constantes. Cartografar, então, é um movimento da atenção que valoriza mutações, rupturas, descontinuidades, que podem surgir em algo estruturado como as estruturas arborescentes, com seus centros de significância e de subjetivação. É entre essas experimentações abertas que queremos fazer fluir a comunicação ambiental inspirada na proposta ecosófica. Provocados por Naess, a nossa ecosofia, temporariamente, denominamos Ecosofia NAT.



## VIII – Ecosofia Nat

## VIII

### Ecosofia NAT

O acoplamento NAT à ecosofia deriva das palavras Natureza, Arte e Tecnologia e, enquanto radical das palavras, no latim, refere-se à natura, nascer, gerar, surgir, força que gera, tudo que surge.

A Ecosofia NAT é uma resposta alquímica que surge dos diversos saberes e inspirações que me compõe e me atravessam desde sempre, vindos da sensibilidade e da força primordial da infância, do devir poético da adolescência, e, na maturidade, entrelaçados aos conhecimentos acessados da Comunicação, da Psicologia, da Antropologia, da Sociologia, da Ecologia, da Filosofia, da Educação, da Arte, das Ciências Ambientais e Espirituais, sejam mais ancestrais como o Yoga ou mais contemporâneas, como a Ecologia Profunda, a Ecopsicologia e a Arteterapia.

A Ecosofia NAT tem se mostrado uma potente possibilidade de ecoterapia ou ecoarteterapia (presencial ou *on line*), pois os acoplamentos entre a Natureza, a Arte e as Tecnologias são criadoras de corpografias que integram o ser ao mundo por meio da criação de uma paisagem biopsicosocioambientalespiritual em si mesmo, que possibilita o ser transbordar para ser com. Nada mais ecosófico e próximo do sentido da palavra comunicação.



## Referências

- ADAMS, B. G. Tendências pedagógicas e educação ambiental. **Educação Ambiental em Ação**, n. 7, ano 2, 2004. Disponível em: <http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=190&class=02> Acesso em: 28 abr. 2021.
- ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ANDRADE, M. H. C.; FREIRE, E. Imagens da caixa de fósforos: uma análise do grupo Vista Boa em Boa Vista, Fortaleza, CE. *In*: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009. **Anais** [...]. Curitiba: PR, 2009.
- ARNHOLD, B. M. F. **Educação ambiental na educação infantil**: as vivências com a natureza no pátio da escola. 294f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, Lajeado, 2018. Disponível em: <https://univates.br/bdu/bitstream/10737/2066/1/2018BrunaMedinaFingerArnholdt.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- BACHELARD, G. Pontos de Partida. *In*: BACHELARD, G. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- BARBIERI, S. Um novo foco. *In*: GONÇALVES, T. F. (org.). **Eu retrato, tu retratas**: conjugações entre fotografia, educação e arte. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.
- BARCELOS, V. Antropofagia e epistemologia - Por uma não-pedagogia na educação ambiental. **Revista do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. especial, p. 53-68, set. 2010. Disponível em: <http://periodicos.furg.br/remea/article/view/3395/2369>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- BARCELOS, V.; SILVA, I. S. Antropofagia cultural brasileira e educação - contribuições ecologistas para uma pedagogia da “devoração”. **Poiésis**, Tubarão, n.1, v. 1, p. 20-41, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/071e/bd868ad7454b97113036e482296e1add9bb6.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- BARCELOS, V.; SILVA, I. S. Saberes, sabores e devorações – para uma educação ambiental antropofágica e pós-moderna. *In*: PREVE, A. M.; CORRÊA, G. (orgs.) **Ambientes da ecologia**: perspectivas em política e educação. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.
- BARCELOS, V.. Educação ambiental e literatura: a contribuição das idéias de Octávio Paz. *In*: NOAL, F. O. BARCELOS, V. **Educação ambiental e cidadania**: cenários brasileiros. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras.**

**Educ.**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

BOUGNOUX, D. **Introdução às ciências da informação e da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BRAGA, J. L. Constituição do campo da comunicação. *In*: FAUSTO NETO, A. et al. **Campo da comunicação**: caracterização, problematizações e perspectivas. João Pessoa: E. Universitária, 2001.

CARVALHO, I. C. M. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais. *In*: SATO, M.; CARVALHO, I. (Orgs.). **Educação ambiental**: pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 51 a 63.

CATUNDA, M. Educar e cultivar ambientes. *In*: NOAL, F. O.; BARCELOS, V. **Educação ambiental e cidadania**: cenários brasileiros. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, Vozes. 1996

CORNELL, J. **Vivências com a Natureza 1**. São Paulo: Editora Aquariana, 2005.

CORNELL, J. **Vivências com a Natureza 2**. São Paulo: Editora Aquariana, 2008.

CUNHA, S. R. S. da. **A mídia dos outros somos nós: a experiência audiovisual dos jovens potiguaras**. *In*: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, 2012. **Anais [...]**. Fortaleza: CE, 2012.

DAMASCENO, Mônica Maria Siqueira. **Educação ambiental vivencial e o desenvolvimento cognitivo e socioafetivo de crianças com TDAH**. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates. 2019. Acesso em 29 mai. 2021. Disponível em <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/2763/1/2019MonicaMariaSiqueiraDamascono.pdf>

DANTAS, E. M. A fotografia: um texto relacional. *In*: GONÇALVES, T. F. (org.). **Eu retrato, tu retratas**: conjugações entre fotografia, educação e arte. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Introdução: Rizoma. Volume I, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia 2. Volume 3,

São Paulo: Ed. 34, 2012.

DUARTE JR, J.. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba, PR: Criar Edições, 2004.

ERTHAL, N. B. **Sons que falam: a trilha sonora como despertadora de sentidos em documentários ambientais criados por meio de processos educacionais**. 128. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, Lajeado, 2016. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1370/1/2016NatashaBouvierErthal.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

ESTEVES, J. P. **A ética da comunicação e os media modernos: legitimidade e poder nas sociedades complexas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

FILHO, J. C. **Situação, mediações e materialidades: dimensões da experiência estética**. In: Grupo de Trabalho Comunicação e Experiência Estética do XX Encontro da Compós, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. **Anais [...]**. Porto Alegre: RS, 2011.

FISCHER, R. M. B. Mídias audiovisuais e literatura: “amor à narrativa”. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 29, n. 57, p. 78-86. 2011.

FISCHER, R. M. B. Arte, Pensamento e Criação de Si em Foucault: breve ensaio. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 3, p. 945-955, set./dez. 2015.

FONSECA, T. M. G.; COSTA, L. A. As durações do devir: como construir objetos-problema com a cartografia. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 415-431, ago. 2013.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GODOY, A. Conservar docilidades ou experimentar intensidades. In: PREVE, A. M.; CORRÊA, G. (orgs.) **Ambientes da ecologia: perspectivas em política e educação**. Santa Maria: Editora UFSM, 2007.

GONÇALVES, T. F.. Entre imagens e conjugações. In: GONÇALVES, T. F. (org.). **Eu retrato, tu retratas: conjugações entre fotografia, educação e arte**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1991.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

GUIMARÃES, L. B. A sala de aula em cena: imagem e narrativas. **Leitura & Prática**, Campinas, v. 31, n. 61, p. 113-123, nov. 2013.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. Guia da Escola Cidadã. São Paulo: Instituto Paulo Freire/Cortez, 2000.



INGOLD, T. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis, RJ, Vozes, 2015.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. *In*: PASSOS, E.; KASTRUP V.; TEDESCO S. (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. **Psicol. Soc.** Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 15-22, Apr. 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 28 abr. 2021.

KICH, Sofia. **Narrativas fotojornalísticas da tragédia de Mariana MG e intervenções socioambientais**. 2017. Monografia (Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo) – Universidade do Vale do Taquari – Univates. Acesso em 29 mai. 2021. Disponível em <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/1757/1/2017SofiaKich.pdf>

KLUNK, L. **Formação de Educadores Ambientais (FEA) no Programa Cultivando Água Boa da Bacia Hidrográfica Paraná III**. 179f. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES, Lajeado, 2019. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/2468/1/2019LuziaKlunk.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

LANDIM, M. A Era Tátil da Visão: O cinema expandido e seu envolvimento sensorial no contexto das novas mídias. *In*: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Fortaleza, 2012. **Anais [...]**. Fortaleza: CE, 2012.

LEFF, H. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. *In*: PHILIPPI JR. A. et al. (orgs.). **Interdisciplinaridade em ciências ambientais**. São Paulo: Signus, 2000. p. 19-51. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=50281](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=50281). Acesso: 28 abr. 2021.

MAFFESOLI, M. **Homo eroticus**: comunhões emocionais. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MALDONADO, A. E. Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica. **Ciberlegenda**, n. 9, 2002. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/download/36818/21393>. Acesso em: 28 abr. 2021.

MARQUES, A. C. S. Relações entre comunicação, estética e política: uma abordagem pragmática. *In*: XX Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, XX COMPÓS, Porto Alegre, p. 1-14, 2011. **Anais [...]**. Porto Alegre: RS, 2011.

MARQUES, Rodrigo Müller. **Ousar para não perecer: educomunicação socioambiental e a ecosofia na formação com professores**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ambiente e Desenvolvimento, Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 26 ago. 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10737/2616>>.

MARQUES, R. M. MAZZARINO, J. M. O audiovisual como produtor de histórias. **História, Questões e Debates**, v. 67, p. 233-257, 2019.

MATTELART, A. M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MATURANA, H. R. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 1998.

MAZZARINO, Jane M. **Tecelagens comunicacionais-midiáticas no movimento socioambiental**. Lajeado: Univates, 2013.

MAZZARINO, J. M.; MUNHOZ, A. V.; KEIL, J. L. Currículo, Transversalidade e Sentidos em Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 7, p. 51-61, 2012.

MAZZARINO, J. M.; ASSIS, P. A. G. Vivências na Natureza e as Possibilidades Inventivas na Educação Ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 11, p. 9-18, 2016.

MAZZARINO, J. M. **Cidadania da escuta**. Lajeado RS: Univates, 2009.

MELUCCI, A. **O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global**. Editora Feltrinelli. 2. ed. 1992.

MENDONÇA, R. **Meio ambiente & natureza**. Editora Senac: São Paulo, 2012.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 2.ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

MOYSES, J. M.; BONI, P. C. Representação imagética de Ivaiporã (PR) a partir da recuperação histórica. In: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Recife, 2011. **Anais [...]**. Recife: PE, 2011.

MORAES JUNIOR, J. A. Para uma análise cartográfica da subjetividade na escola a partir de Nietzsche, Deleuze e Guattari. **Saberes: Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação**, v. 6, p. 53-64, 2011.

NAESS, A. **Ecología, comunidad y estilo de vida**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

NEUENFELDT, D. J. ; MAZZARINO, J. M. O corpo como lugar onde a experiência

da educação ambiental nos toca. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 33, p. 22-36, 2016.

OLIVEIRA, T. R. M.; OLIVEIRA, I. S. S.; BARRETO, K. F. B.; MOURA, S. E. L.; CARVALHO, S. À beira pista: intersecções do cinema em Educação Ambiental. **Ambiente & Educação**, v. 15, n. 2, p. 1787-196, 2010. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6985/1004-5648-1-PB.pdf?sequence=1> . Acesso em: 28 abr. 2021.

ORMEZZANO, G.; POMA, S. T. Educação sociambiental, imaginário e Artes Visuais. **Educação**, Santa Maria, v. 38, n. 1, p. 219-232, jan./abr. 2013.

PASSOS, E.; KASTRUP, V. Sobre a validação da pesquisa cartográfica: acesso à experiência, consistência e produção de efeitos. **Fractal**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 391-413, ago. 2013.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO S. (orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina., 2014.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Estação Liberdade. São Paulo. 2014.

ROOS, M. G. M. **Alegria na Docência**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/788/1/MariaRoos.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

RÖHRS Viviane. **Mulheres rurais e suas relações com a paisagem socioambiental: experiências ecosóficas**. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates. 2020. Acesso em 29 mai. 2021. Disponível em <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/2874/1/2020VivianeRohrs.pdf>

RODRIGUES, A. **Comunicação e cultura**. Lisboa: Presença, 1994.

SAMPAIO, S. M. V.; GUIMARÃES, L. B. O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 30, n. 2, p. 395-409, maio/ago. 2012.

SCHNEIDER. **Janaína Kollet. Processos de comunicação e educação ambiental na formação de multiplicadores em resíduos sólidos**. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates. 2020.

SATO, M.; PASSOS, L. A. Arte-educação-ambiental. **Ambiente & Educação**, Rio Grande, v. 14, n. 1, p. 43-59, 2009.

SFEZ, L. Nascimento do tautismo. *In*: SFEZ, L. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.



SILVA, D. T. O uso alternativo de dispositivos midiáticos: a produção de mensagens pelos sujeitos da comunicação. In: XX Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Porto Alegre, 2011. **Anais [...]**. Porto Alegre: COMPOS/UFRGS, 2011.

SILVEIRA, E. A arte do encontro: a educação estética ambiental atuando com o teatro do oprimido. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v25n3/18.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.

SOARES, I. O. **Educomunicação - o conceito, o profissional, a aplicação:** contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SODRÈ, M. Comunicação, um novo sistema do pensamento. In: FAUSTO NETO, A. et al. **Campo da comunicação:** caracterização, problematizações e perspectivas. João Pessoa: E. Universitária, 2001.

SOFFIATI, A. Fundamentos filosóficos e históricos para o exercício da ecocidadania e da ecoeducação. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (orgs.). **Educação ambiental:** repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002. p. 26-67.

STAUDT, M.; MAZZARINO, J. M. Dispositivos audiovisuais na educomunicação socioambiental escolar: explorações políticas e estéticas. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 11, p. 157, 2016.

## Sobre a autora

### Jane Mazzarino

Possui doutorado e mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2005). Graduação em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1991). Bolsista Produtividade CNPq PQ2. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD) da Universidade do Vale do Taquari, Univates – nota 5 Capes. Professora dos cursos de Comunicação Social e Medicina, na mesma instituição.



Crédito da foto: Lucas Wendt/Univates

Em sua atuação conecta saberes científicos e tradicionais movimentados por processos expressivos, inspirados tanto pela formação acadêmica quanto pela formação complementar: Gaia Educacion for Sustainability, Dragon Dreaming (Introdução e Aprofundamento), Vivências com a Natureza (Instituto Romã), Yoga Integral (União Brasileira de Professores Profissionais de Yoga), Formação em Arteterapia no Contexto Social e Institucional (Infapa), Formação Internacional em Ecopsicologia Aplicada Ecotuner (Internacional Ecopsycology Society/Instituto Brasileiro de Ecopsicologia – em andamento). Facilita processos de transformação, explorando possibilidades abertas pela comunicação, pela arte e pela ecosofia. Atua interdisciplinariamente a partir da área de Comunicação, aprofundando-se em temas como comunicação ambiental, educação ambiental, ecologia profunda, ecopsicologia, expressão criativa, saúde, movimentos socioambientais, metodologias colaborativas, formação para a sustentabilidade, desenvolvimento humano.

ISBN 978-658909168-4



9

786589

091684